



FACULDADE
ALFREDO NASSER



ROTARY CLUB DE REMANSO



*Contos, Recantos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*

REMANSO

2019

FACULDADE ALFREDO NASSER
ROTARY CLUB DE REMANSO - BA

CONTOS, RECONTOS E ENCANTOS DAS
MEMÓRIAS DA TERCEIRA IDADE

DIVA GONÇALVES DA SILVA
MARIA BEATRIZ BRAGA FIGUEIREDO

Organizadoras

REMANSO - BA
2019

**FACULDADE ALFREDO NASSER
ROTARY CLUB DE REMANSO – BA**

ALCIDES RIBEIRO FILHO

Diretor Presidente / Fundador

SÍDINE CUSTÓDIO VÊNCIO

Diretor

SANDRA LOPES DA SILVA E SOUZA

Coordenadora Acadêmica

DIVA GONÇALVES DA SILVA

Coordenadora do Projeto Contos, Recontos e

Encantos da Terceira Idade

Professora de Estágio Supervisionado

EDILANE FERREIRA VIEIRA DOS SANTOS

Colaboradora do Projeto

JOSETE LOPES BOSON

Presidente do Rotary Club de Remanso - BA

MARIA BEATRIZ BRAGA FIGUEIREDO

Coordenadora do Programa Identidade
e Memória na Terceira Idade

Contos, recontos e encontros das memórias da terceira idade / Diva Gonçalves da Silva; Maria Beatriz Braga Figueiredo (Orgs.). Remanso: Faculdade Alfredo Nasser; Rotary Club de Remanso - BA, 2019.

APRESENTAÇÃO

As memórias contidas neste livro foram elaboradas pelos estagiários do curso de Pedagogia da Faculdade Alfredo Nasser - UNIFAN, e dos participantes do Programa Identidade e Memórias na Terceira Idade, do Rotary Club de Remanso/BA, sob orientação da professora de estágio Diva Gonçalves da Silva e da coordenadora do programa Maria Beatriz Braga Figueiredo.

Este trabalho traz a público a memória escolar das pessoas envolvidas, oportunizando a ressignificação das experiências vividas por estes atores sociais.

Oportuniza a avaliação da educação tradicional com a vivenciada nas escolas nos dias atuais, através da metodologia aplicada na produção e aquisição do conhecimento, propiciando aos leitores traçar um paradigma entre as vivências e as suas consequências.


A riqueza de informações pedagógicas e de cidadania nos mostra a importância da família no universo escolar, ao descortinamos as histórias de vida relatadas pelos entrevistados.

Esta produção, de singular importância para os sujeitos envolvidos, ressalta o estágio como espaço de aplicabilidade dos conhecimentos teóricos adquiridos no curso de pedagogia e oportuniza a reflexão da prática educativa, através do conhecimento de realidades distintas, exploradas a partir do presente.

Maria Beatriz Braga Figueiredo
Coordenadora do programa Identidade
e Memórias na Terceira Idade

Rotary Club de Remanso – BA





*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



ANITA ALVES FERREIRA

Sou Anita Alves Ferreira, nasci em Remanso - BA, no dia 15 de setembro de 1939; meus pais são Tomás Alves Ferreira e Idalina Alves Ferreira.

Aprendi a ler e escrever aos sete anos com minha mãe de criação Maria Rosa Teixeira Castelo Branco, mas só entrei na escola aos nove anos. Estudei por dois anos numa creche que ficava no bairro do Capão de cima. Lembro-me que era uma casa, com a sala bem grande, mas não tinha carteira para todas as crianças, então algumas

sentavam em caixotes de madeira; tinha um alpendre e ao lado ficava a cozinha onde bebíamos água nasoringas de barro. A professora chamava-se Maria França Pires, pessoa muito gentil e dedicada, todos a adoravam. Ela era de Remanso, mas morava em Juazeiro, aqui residia na pensão de dona Maria, que ficava na rua da minha casa. Todos os dias ela me levava e trazia da escola.

Uma brincadeira daquela época que me marcou foi a de “rolô”. Fazia-se um círculo no chão e uma criança corria atrás das demais, tentando pegá-las, mas se o colega entrasse no círculo do “rolô” não podia ser pega e assim estava salva.

Aos onze anos ingressei no Grupo Escolar Getúlio Vargas onde cursei o 3º, 4º, e 5º ano. Ao chegar fiquei bastante tímida por estar em um ambiente novo, mas logo conheci duas colegas e fiz amizade, eram Aládia e Vanir, nós três éramos inseparáveis, a gente conversava tanto que na hora das aulas a professora sempre nos separava. Do outro lado da rua em frente à escola ficava um terreno baldio e lá tinha um pé de goiaba; na hora do intervalo ia nesse terreno comer goiaba com minhas colegas, nós amávamos subir na goiabeira.

Eu gostava muito da escola, sempre tirava boas notas, era do tipo que adorava fazer perguntas, todo dia acordava cedo para a aula. Minha mãe me educou para ser comportada e sempre respeitar os professores, portanto para mim o professor tinha que ser visto com respeito e admiração. Gostava das provas orais, pois era uma forma bem eficaz de aprender os assuntos. Minha matéria preferida era ciências. Tinham também os desfiles de sete de setembro que eram belíssimos. Esse evento sempre foi aguardado pela garotada, pois as crianças adoravam participar.

Apesar da escassez de escola, professores e materiais didáticos, os métodos de ensino no meu tempo contribuía bastante para a aprendizagem. Mesmo hoje existindo diversos meios que facilitam o aprender, acredito que antigamente se aprendia mais, principalmente devido ao interesse e respeito do alunado para com a educação. O professor era tratado com muita devoção e admiração, a relação do professor com o aluno era ótima; sempre tive ótimos educadores que me tratavam com carinho e atenção.

Uma história engraçada que me recordo ocorreu no 5º ano, quando a professora Nelcilia Guimarães

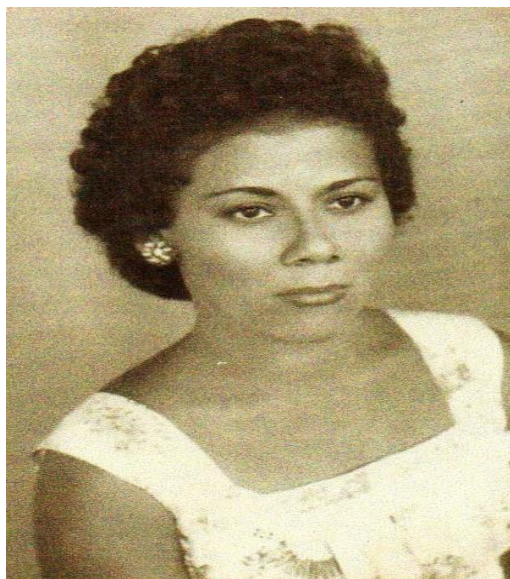
engravidou, os alunos ficaram encantados com a barrigona dela e todos os dias queriam leva-la para casa, então um monte de crianças acompanhava e cuidava da professora até ela chegar à sua residência. Outro fato divertido foi quando um colega achou uma cobra, matou e levou para a escola; botou dentro de um saquinho e deu para os colegas dizendo que era um presente, quando abriam o saco se assustavam com o bicho. Dessa forma, o menino pegou vários amigos com essa brincadeira e todos se divertiam com os sustos.

Quando acabou o 5º ano parei os estudos por uns tempos, mas em minha casa minha mãe me ensinava a costurar e a fazer flores de artesanato. Alguns anos depois surgiu a oportunidade de ir para Salvador-BA fazer um curso de corte e costura e arte culinária, no Instituto Mauá; quando voltei para Remanso dei aulas de tudo o que aprendi e fiz algumas exposições dos artesanatos que confeccionei junto com os meus alunos.


Ao voltar a estudar decidi fazer o supletivo, pois já estava atrasada, estudava em Remanso e fazia as provas em Petrolina - PE. Aos 35 anos de idade fiz o normal (Magistério), quando me formei, dei aula de ciências por três anos no Colégio Ruy Barbosa de 1976 a 1978.

Formei-me também em contabilidade, mas não trabalhei na área.

Adorava educar, sempre muito apegada aos meus alunos assim como era com meus professores na época em que estudava. Em 1979 voltei a Salvador, desta vez para morar e permaneci até 2006, ano em que voltei para Remanso, onde moro até hoje.





An ornate, hand-drawn border in gold and green, featuring intricate scrollwork and clusters of small pink, blue, and green flowers. The border frames a central rectangular area with a light cream background.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



ANITA GONÇALVES DA SILVA

Chamo-me Anita Gonçalves da Silva, nasci no interior da cidade de Remanso - BA, na Fazenda Tabuleiro, em 25 de julho de 1954. Sou filha de Petronílio Nunes da Silva e Delza Gonçalves da Silva. Entrei na escola com mais ou menos 10 anos de idade, no período da minha mudança para a cidade de Remanso - BA, e me formei no ano de 1970, em magistério, na Escola Ruy Barbosa, na cidade velha.

Existem lembranças que ficam marcadas. Logo que dei início a minha vida escolar, lembro-me que existia a

palmatória; ela servia como castigo para quem não aprendesse a tabuada. A professora nos ensinava o “beabá”, que aprendíamos soletrando, nossas professoras eram bem exigentes, mas eram excelentes profissionais, “tarimbadas”.

Quando estava no primário, minha professora era a Dona Terezinha; e nossas aulas eram bem tradicionais. Ao chegar na sala de aula nos colocavam em fileiras e nos ensinavam a rezar algumas bem conhecidas como: Ave Maria, Salve Rainha, Creio em Deus Pai e a principal era o Pai Nosso; logo após cantávamos o Hino Nacional Brasileiro. Na sala havíamos apenas o quadro negro, o giz e a esponja, sentávamos em dupla. As disciplinas estudadas eram: português, matemática, geografia, história, ciências e desenho, que hoje conhecemos como a arte, e religião que tinha o ensino voltado para a religião católica. Nessa fase, meninos e meninas já estudavam na mesma sala, mas faziam tudo separado, não podiam sentar e nem brincar juntos. Na escola existia apenas uma sala para o diretor e professores. Havia uma única biblioteca na cidade, que era do município. Lembro que, certa vez, fiquei de castigo e tive que copiar a mesma frase várias

vezes; os castigos eram frequentes, “aprendíamos na base da pancada”.

Quando entrei no 2º grau algumas coisas mudaram. A estrutura da escola já era bem diferente, tinha quadra de esportes, secretaria, biblioteca e várias salas. As carteiras agora eram de braço e não sentávamos mais em duplas, mas continuavam as fileiras bem tradicionais. Tinha o salão nobre que era usado para festas e formaturas. Existiam algumas brigas e as paqueras. Ensaiávamos para quadrilhas, na época dos festejos juninos. Surgiram umas disciplinas novas: física e biologia; fazíamos francês com a professora Julieta e inglês com o Padre José. Tinha disciplina EMC (Educação Moral e Cívica) que hoje nem existe mais. Era tudo saudável, existia rigidez, mas ao mesmo tempo os professores eram bem preparados. Naquela época já existia um representante da sala, que era nosso porta-voz a respeito dos assuntos da turma. Quando estava no ginásio, costumava sair com alguns colegas para tomar banho na coroa; pulávamos o muro da escola e em uma dessas vezes a diretora descobriu e entregou para minha mãe.


Tive algumas experiências na educação. Logo depois que me formei em magistério, montei a Escolinha Pingo

de Gente com uma amiga e aceitávamos crianças com idade entre três e quatro anos. Depois de dois anos, fechamos as portas e seguimos rumos diferentes. Fiquei um tempo afastada da cidade e depois que retornei, lecionei no Colégio Ruy Barbosa com a disciplina de Educação para o lar, para os alunos de 1^a a 2^a série, durante dez anos em gestões diferentes. Após esse período, me afastei da área da educação e comecei a trabalhar como autônoma com bolos e salgados, e já estou nessa área há trinta anos e me sinto realizada com o meu trabalho.

A educação de hoje é completamente diferente, acontecem várias mudanças e o estudo está mais avançado. O meio de ensino evoluiu e meu conselho para essa nova turma é que eles se dediquem mais, deixem as brincadeiras de lado e busquem crescer para ter um futuro brilhante lá na frente.





An ornate, hand-drawn border in gold and green, featuring intricate scrollwork and clusters of small, colorful flowers (pink, blue, and green) scattered throughout. The border frames a central rectangular area with a light cream background.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



ARIENE AMORIM DE MOURA

Násci em 25 de setembro 1961, na cidade de Remanso - BA, filha de Ary Amorim de Moura e Raquel Amorim de Moura. Graduada em Serviço Social pela instituição UNOPAR, em 2010, hoje atuo na área como Assistente Social. Ingressei na Escola aos 5 anos de idade e a minha primeira professora foi Eulália Amorim Braga, onde aprendi o “ABC”, como era chamado. Na época, utilizava o método de soletração e a Escola era próxima à minha residência ficava ao fundo da casa da Prof^ª.

Zilnoura Rodrigues Moura, diretora do Colégio Olímpio Campinho. O espaço era uma pequena sala, chamava-se Escolas Isoladas, era em média de 15 alunos na turma. Passados alguns meses e já conhecendo o alfabeto fui conduzida para outra escola, também “Isolada” para dar continuidade aos estudos. Nesta oportunidade, comecei a estudar a Cartilha, como era usada na época, sendo minha professora Aristheia Soeiro Braga Guimarães. Em seguida fui para Escola São Vicente de Paulo, dando continuidade a Cartilha sendo professora Gloriete Ramos.

Após esta etapa ingressei no Grupo Escolar Coronel Olímpio Campinho na primeira série primária, como era chamada na época, sendo a professora Dimar Belo que continuou sendo minha professora também, na segunda série primária. Na mesma escola conclui a terceira e quarta séries sendo, minha professora Helena Rodrigues Teixeira. No período do primário, no horário do recreio, como era conhecido o intervalo para lanches, costumavam brincar de macaco, bola envenenada, bola de gude, galo, rolou, hoje conhecido como pega-pega, e muitas outras brincadeiras. Na escola tinha uma biblioteca, mas a maioria das crianças não utilizava com frequência, eu,

porém, me divertia entre as brincadeiras e o fascinante mundo dos livros.

Neste período, os professores eram vistos como segundo pais, tinham a mesma autoridade e o respeito era o mesmo e não se limitava apenas ao espaço escolar, mas fora dele. Atualmente essa realidade tem se tornado cada vez mais diferente, os professores são vistos, por uma maioria, de forma diferente.

A estrutura da escola era simples, porém bem acolhedora, disponibilizava de uma carteira com dois lugares acoplados, onde duas crianças podiam sentar juntas; tínhamos um quadro negro, onde as professoras escreviam todas as tarefas e nós copiávamos e respondíamos.

Naquela época, chamava-se banca, as aulas de reforço escolar, estudei com Waldemir Ribeiro Nascimento. Na época tinha aula de francês, na 5ª série, com a professora Julieta Castelo Branco; Português, Valdete Freire; Matemática, Elizabete Amorim de Almeida; Geografia, Maria da Guia; Ciências, Socorro; Educação Artística, Mariza Viana. Na 6ª série, Matemática e Inglês, Juliana Ott; Ciências, Fátima Ribeiro; História, Cirene Borges; Ed. Artística, Marisa Viana. Na 7ª série,

Português, a mesma professora; Matemática, História, Ciências, Socorro Nascimento; Inglês, Nivalda Reges. Nunca repeti o ano. Na 8ª série, o quadro dos professores era o mesmo.

No ano de 1972, tendo em vista o curso de Admissão, onde os alunos prestavam “tipo um Vestibulinho” provas de matemática, português, geografia, história e ciências para não estudar o quinto ano primário, devido a uma mudança no ensino, neste período. Assim, quem fosse aprovado nas provas de admissão ingressava na 5ª série do ginásio, como eu fora aprovada comecei a estudar no Colégio Municipal Ruy Barbosa, no ano de 1972, concluindo o ginásio, hoje denominado Fundamental II, em 1978. Neste período meus professores foram: Português, Valdete Freire Evangelista; Matemática, Elisabete Amorim de Almeida; Ciências, Socorro; Educação artística, Mariza Moura; Geografia, Maria da Guia; Francês, Julieta Castelo Branco. Após concluir o ginásio, comecei a estudar o 1º ano pedagógico, ou seja, magistério, onde conclui no ano de 1979. No ano seguinte, prestei concurso para professora do Estado, fui aprovada, porém nunca fora chamada.

Portanto, resolvi continuar os estudos, porém aqui em Remanso a única opção, além do curso que conclui, era de Técnico em contabilidade, assim ingressei no curso por um ano, ainda no Colégio Ruy Barbosa, e dando continuidade no Colégio Estadual Padre Pelágio, na cidade de Trindade – GO, onde conclui o curso em 1983.


Em 1983 fui morar em Salvador - BA, onde comecei a trabalhar e estudar. Fui aprovado no concurso do BANCO DO ESTADO DA BAHIA, em 1986, onde permaneci até 1990. Durante este período fiz dois anos de cursinho pré-vestibular, porém sem êxito no vestibular, e casando em 1987 resolvi parar os estudos.

Em 1990 retornei a Remanso e continuei trabalhando no Banco do Estado da Bahia. Em 2006, prestei vestibular e fui aprovada em Serviço Social na Instituição UNOPAR- Universidade Norte do Paraná, onde conclui o curso em 2010. Após esse período, cursei na instituição Alfredo Nasser o curso de Inglês, porém não dando continuidade ao curso por motivos de suspensão do curso, continuei na Escola Girassol dois módulos, mas infelizmente não deram continuidade ao curso.

A educação no meu tempo era difícil porque não tinha acesso à área rural, hoje a escola está disponível em

todos os lugares, mas o que vemos a falta de interesse em aprender. No meu tempo aprendíamos o trivial, hoje os métodos de ensino estão bem mais amplos e fácil para se ter conhecimento em diversas áreas de atuações. A tecnologia vem ampliando conhecimento em diversos fatores e quebrando barreiras em relação ao ensino aprendizagem.



An ornate, hand-drawn border in gold and green, featuring intricate scrollwork and clusters of small pink, blue, and red flowers. The border frames a central rectangular area with a light cream background.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



DELMA DE SOUZA E SILVA TEIXEIRA

Nasci em Remanso - BA, no dia vinte e sete de março de mil novecentos e cinquenta e dois, me chamo Delma de Souza e Silva Teixeira, filha de Othon Ledoux Silva e Dinorah de Souza e Silva.

Autora do livro “Contemplando a Transição de Remanso Velho à Cidade Nova”, que se encontra na gráfica em Salvador aguardando publicação, onde conta a história da mudança da cidade, família e da religião.

Sou formada em professora, tecnóloga em Administração, bacharelado em Administração, pós-graduada em Gestão de pessoas. Trabalho como coordenadora educacional da biblioteca da UAB (Universidade Aberta do Brasil) e trabalhei no setor financeiro da construtora MARVE.

Alfabetizada por minha mãe, entrei na escola particular da professora leiga Mariinha, e aos sete anos comecei estudar o primeiro ano do primário no Grupo Escolar Getúlio Vargas que tinha como diretora Marina Braga, lembro-me que em meu primeiro dia de aula estava muito ansiosa para conhecer minha professora, colegas e minha sala, que era bem agradável com janelas largas que deixava o ambiente ventilado, as carteiras eram organizadas em fileira de três, assento duplo com mesa na frente, na parede um quadro negro de giz sobre a parede. Na primeira série tive o método da silabação, na terceira série já juntava as letras formando palavras.

Aos treze anos entrei no ginásio, no Colégio Municipal Ruy Barbosa onde era necessário fazer o exame de admissão com prova oral e escrita para entrar. O colégio organizava os alunos antes do início das aulas para hastear a bandeira e cantar o Hino Nacional Brasileiro.

Todos usavam o uniforme do colégio, as meninas não aderiram à calça, era saia pregueada. Lembro-me que na segunda série ginásial, tendo a professora Nivalda Régis como diretora do Colégio Municipal Rui Barbosa e como regente de classe a professora Maria Beatriz, que preparou uma apresentação no salão nobre, em comemoração à Independência da Bahia no dia 02 de julho, o primeiro número eu apresentava a poesia “Ode ao 02 de julho”. Ao abrir a cortina dei uma crise de riso diante de mais de 300 alunos e não consegui apresentar. Fui obrigada a voltar no turno da tarde pela diretora e professora, pois valeria um ponto para somar na prova de educação moral e cívica. Meu pai me aconselhou a levar a sério e que era de muita responsabilidade, então apresentei e fui muito aplaudida. Hoje agradeço a eles por ter segurança em tudo que faço assumindo e levando a sério.

Na fase menina moça, de uniforme, sempre levando batom no bolso, acompanhada das colegas que se tornaram melhores amigas, com os melhores professores da época e modéstia à parte, éramos boas alunas, porque mensalmente a caderneta chegava aos nossos pais, e se a nota fosse abaixo da média era sempre castigo, sendo

proibidas de sair no final de semana. Era um martírio ficar sem ver aquela paquera, aquela paixão.

Certo dia, uma colega nos avisou que no dia seguinte levaria um “traje caipira muito antigo” e que no nosso horário de aula constava uma “aula vaga”. Foi uma grande distração, um vestido cheio de babados e uma sandália bem antiga, óculos com lente que movia os olhos. Eu sempre tímida, aceitei um convite para ser a noiva e desfilarmos na quadra do ginásio, sendo cortejada por todos os garotos da escola. As turmas que estavam na sala de aula saíram para olhar, e os professores sem saber o que estava acontecendo foram juntos olhar. Era uma vida de estudante presenteada de alegria e invenções que ficaram gravadas na mente e no coração.

Depois de concluir o ginásio, fiquei mais três anos para concluir o curso pedagógico, que era uma preparação para ser professora do primário. Logo que concluí fui trabalhar como professora na escola particular Monteiro Lobato, da minha irmã Arlete de Souza e Silva.


Passei trinta e cinco anos em Salvador trabalhando, depois retornei a Remanso na construção da cidade nova em 1998, e decidi aumentar meus conhecimentos, então fiz meu curso na Unopar.

Após as grandes realizações dos cursos, saí uma pessoa empolgada, entusiasmada com os meus projetos, com manifestações de carinho e agradecimento.

Acho que os métodos facilitavam bastante, principalmente a didática do professor que sempre foi valorizado como educador, instrutor que ficava à disposição do aluno para que houvesse a aprendizagem. Não vejo muita diferença entre a educação de antigamente e a de hoje, pois acredito que a educação da escola é ligada com a de casa, com a que a família ensina, mesmo achando que na minha época os alunos levavam mais a sério.

Agradeço aos meus pais, que foram perfeitos, por terem galgado e realizado todos os meus sonhos na área educacional e na vida, motivada pelo carinho, amor, sempre transmitindo valores, educação, força e tudo que precisava, foram base e o reflexo da pessoa que me tornei.



An ornate, hand-drawn border in gold and green, featuring intricate scrollwork and clusters of small pink, blue, and green flowers. The border frames a central rectangular area with a light cream background.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



DORALICE TEIXEIRA FERREIRA

Me chamo Doralice Teixeira Ferreira, mais conhecida como Dorinha, setenta e dois anos de idade, filha de Francisco Antunes Teixeira e Clarice Lopes Cavalcante, nascida em 10 de setembro de 1946, na cidade de Remanso - BA. A sexta filha dentre oito irmãos, viúva há onze anos, professora por formação e exercício. Trabalhei lecionando por alguns anos e por dois anos fui diretora na Chapeuzinho Vermelho. Aprovada em concurso público, mas não assumi; não me via mais em

sala de aula, os tempos estão diferentes. Os alunos não respeitam os professores e a violência só cresce mais com o decorrer do tempo.

Meus primeiros anos de escolaridade foram desenvolvidos com a própria família até os seis anos de idade onde comecei a estudar com “Dona Mariinha das Pretinhas”, que era assim chamada por ser irmã de outras três jovens de cor negra, vale ressaltar que nesse tempo não era ofensivo chamar alguém assim, hoje, entretanto, não podemos dizer o mesmo. Estudei o primeiro ano em uma escola isolada com a professora Dinorá, era uma escola que funcionava em uma residência, uma espécie de escola particular. No segundo ano, passei para o Grupo Escolar Getúlio Vargas e, nesse grupo escolar, estudei até a quarta série.

No ano seguinte, fiz o exame de admissão; este era um teste seletivo para passar para a etapa seguinte, uma etapa difícil, uma vez que precisávamos ser aprovadas em todas as disciplinas, caso contrário não seria possível entrar para o primeiro ano ginásial. Recordo-me que fiz o teste duas vezes até conseguir aprovação.

Na sétima série, aos dezessete anos casei-me com Paulo Roberto, nesse período interrompi meus estudos,

porém no ano seguinte retomei através do curso de madureza, um curso destinado a jovens e adultos com atraso escolar. Iniciei o ensino médio no curso de contabilidade, mas no segundo ano mudei para o magistério e conclui em 1976.

Lembro-me com clareza de algumas professoras que tive durante o percurso escolar, cada uma com sua personalidade marcante, umas um tanto quanto rigorosas, mas a finalidade principal era alcançada, educar, algo que julgo ser mais fácil pela limitação de disciplinas e também por conta dos métodos de ensino dispostos na época. É impossível falar de professores, de escola, de momentos durante o período escolar e não reviver algumas situações. Recordo-me da minha professora de francês, dona Julieta Silva Castelo Branco, para muitos ela era um tanto enérgica, mas para mim particularmente achava um amorzinho. Faz-me lembrar de uma situação em que fazíamos as atividades, eu na época uma menininha, quando ela passou pela minha carteira e falou para mim “tiroá” e eu imediatamente apaguei a letra “a” da palavra que eu tinha escrito, ela insistiu, “tiroá”, e eu já irritada resmunguei “já tirei o ‘a’!”, foi então que ela me disse que estava me mostrando a palavra seguinte a ser escrita. Até

os dias de hoje recordo desse momento, com saudosismo e risos.

É impensável para mim falar de minhas professoras, as quais respeitávamos e tratávamos como pessoas superiores, e não lembrar das tão queridas Nivalda Reges, Professora de inglês, Arlene Reges, Geografia e dona Longuina, professora de História. Professoras que eram tratadas com respeito, pois desde cedo éramos ensinados a importância dos mesmos dentro e fora da escola. Os docentes tinham essa liberdade de nos corrigir ou levar-nos para casa, caso fossemos encontrados na rua em horário inoportuno ou fazendo algo inadequado, o que claramente não vemos nos dias atuais.

Com o decorrer dos anos comecei a trabalhar de acordo com minha formação, fui professora no primeiro Colégio Motivo em Petrolina, lecionei também no Colégio Paulo Novaes de Carvalho em São Paulo onde ministrei a disciplina de Ciências para a sexta série, confesso que gostei muito de ter trabalhado com essa disciplina, me traz boas lembranças rememorar essa época. Ainda no âmbito escolar trabalhei como diretora por dois anos na Escola Municipal Chapeuzinho Vermelho em Remanso, nesse período passei em um concurso público, mas não assumi,

conforme citado anteriormente. Nesse tempo comecei a trabalhar como gerente na Loja Esperança, comércio muito conhecido e popular por alguns anos em Remanso.


Por muitos anos tive minha vida voltada para a educação, me faz lembrar do grande esforço que fiz no período em que fui para a Universidade e tinha que dividir meus dias e tempo entre a faculdade de História, a qual faltou apenas dois períodos para concluir, meus filhos e o trabalho. Foi uma época de muita luta, vivia dias em Remanso outros em Petrolina, que foi onde fiz o curso de História e que também me traz algumas recordações, dentre elas a professora Creuza que nos cobrava até a vírgula do texto. O conteúdo tinha que ser decorado e colocado na prova igual ao livro. Entre os professores acadêmicos, estava também o senhor Joseph Bandeira, uma pessoa tranquila, totalmente o oposto da professora Creuza.

Lembro-me que certa vez durante uma prova, levei uma pequena cola, afinal tinha que colocar nas respostas exatamente como descrito no livro, e eu por não ter conseguido estudar todo conteúdo justamente por conta da correria com o trabalho, fiz minha pesquinha bem discreta em forma de leque, crente que ela não perceberia, comecei

a fazer minha prova e discretamente olhei para a folhinha que estava em minha mão, quando dei por mim percebi que a professora estava vindo em minha direção, então ela parou ao meu lado e eu sem hesitar coloquei o papel em minha boca e me vi obrigada a engoli-lo, já que caso fosse flagrada minha prova seria anulada. No final, apesar do imprevisto consegui tirar uma nota oito, talvez não por causa da cola. Lembranças que não irei esquecer nunca mais, algo que faz parte de quem eu sou, minha história.

Acredito que aprender nunca é demais, foi nesse intuito que iniciei um curso de teologia, não com intenção de atuar na área, mas com a finalidade de conhecer mais sobre a temática do cristianismo, sou católica e me interessa nessa questão, ainda não consegui concluir, mas espero fazê-lo em breve.



An ornate, hand-drawn border in gold and green, featuring intricate scrollwork and clusters of small, colorful flowers (pink, blue, and green) scattered throughout. The border frames a central rectangular area with a light cream background.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



EDNALVA DA SILVA BRITO

Sou natural e moradora da cidade de Remanso - BA, meu nome é Ednalva da Silva Brito, filha de Amando Ferreira Brito e Joana da Silva Brito. Meu nome foi escolhido por meu pai, mesmo não sendo uma opção da minha mãe. Nasci em 06/06/1952, conclui meus estudos em 1972, no Colégio Municipal Ruy Barbosa. Hoje sou professora formada e aposentada.

Fui alfabetizada em casa, entrei aos 7 anos na escola, idade mínima permitida para o acesso a instituição pública

imposta pelo governo, na época não existia maternal; as crianças eram matriculadas no 1º ano. Estudei do 1º ao 3º ano na Escola São Vicente de Paulo e o 4º ano no Grupo Escolar Getúlio Vargas. Depois do 5º ano era feito um exame de admissão em duas etapas, nos meses de dezembro e fevereiro, com a realização de provas escritas e orais. Caso não passasse nas duas etapas, esperaria para o próximo ano, quando muitos até desistiam. Vinham alunos de Pilão Arcado, Sento Sé e Campo Alegre de Lourdes; de 300, às vezes, só passavam 100. No ano que fiz, só ficou uma turma.

Em meu primeiro dia de aula estava ansiosa, pois queria saber como era estudar na escola pública. As escolas eram isoladas, o banheiro era uma casinha no muro da escola, não tinha vaso ou pia; às vezes tinha medo de cair dentro, era como uma laje: tinha um tipo de placa de cimento. Havia apenas uma sala, carteiras duplas com uma parte para escrever, um quadro negro e giz, não tinha merenda, o governo não mandava. Às vezes distribuíam cadernos. Não existia mimeógrafo, tudo era escrito no quadro, até as provas; as cadeiras eram coladas em fileiras e a sala só era ornamentada no início do ano e nas datas comemorativas como: dia das mães e São João.

Os métodos eram tradicionais, decorativos. Fazíamos uso da tabuada e tínhamos que aprendê-la por completo. Atualmente são usadas várias metodologias e recursos, como a informática, que naquele tempo não existia. Eu era meio tímida em relação aos professores, às vezes sentia medo, não por serem maus, mas por serem exigentes. Sentia vergonha de argumentar, mesmo não tendo entendido na hora da explicação.


A família era mais responsável, os pais diziam o que devia ser feito, hoje não ligam mais, os papéis estão se invertendo, agora com essa questão da internet os valores estão se perdendo. Fiquei quase 40 anos em sala de aula, os alunos eram mais responsáveis e respeitosos, as coisas rendiam; hoje em dia até colocam apelidos nos professores.

Os métodos funcionavam, os professores conseguiam passar a sua proposta, eles exigiam e todo mundo se esforçava, eram autoridades para nós. Como eram ruins as condições e oportunidades, quem concluísse o ensino normal era valorizado, como se fossem doutores nos dias de hoje.

Talvez a falta de instrução afete a autoestima de algumas pessoas idosas, há quem já tenha vivido sem isso,

mas com certeza fica mais fácil quando tem instrução? É preciso algo para vivermos bem e para nos valorizar.





*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



EMIDIA ROSA TEIXEIRA FERREIRA

As margens do Rio São Francisco, na Fazenda Jatobá, município de Remanso, Estado da Bahia, nasci no dia 05 de agosto de 1939. Sou filha de Aurelino e Eunice, sendo a primogênita do casal com 8 irmãos. Iniciei minha alfabetização em casa, com parentes e amigos dos meus pais.

Morava com minha tia Teonília, que chamava de mãe Sinhá, estudava em uma escola simples com 10 alunos em sala de aula, chão de barro batido, paredes

brancas, o quadro era uma pedra, cada aluno tinha a sua miniatura de pedra. Ao redor de uma mesa grande de madeira eram passadas as atividades. Utilizava-se somente caderno, lápis e caneta preta de tinteiro, quando eram passadas as atividades para casa. No intervalo, brincávamos no quintal, o lanche era chá, broas doces; não tinha banheiro era uma fossa, não havia chuveiro, banhávamos com balde ou na beira do rio.

Aos 7 anos de idade, fui estudar no Grupo Escolar Getúlio Vargas, com a professora Cleonice Soeiro. Escola Estadual muito respeitada com regime escolar exemplar, com regras, normas e boas didáticas de ensino; fiquei até concluir o quinto ano primário. Após terminar o quinto período no Grupo Escolar Getúlio Vargas, para ingressar no Colégio Municipal Ruy Barbosa, fazia um teste de admissão, fui aprovada, mas não continuei as atividades escolares.

Aos 17 anos, voltei para casa dos meus pais na fazenda, onde comecei a fazer cursos de bordados e datilografia. Casei aos 23 anos com Reinaldo Ferreira dos Santos, comerciante em Remanso, Bahia, tive quatro filhos e adotei mais um.

Com incentivo do esposo voltei a estudar. Dona Longuina, uma americana trazida por Dona Decla, organizou uma classe composta de 30 alunos. Lá construí várias amizades de colégio e para a vida social, Dorinha, Maria Beatriz, Socorro Sena, Valdete Freire (em memória) entre outras pessoas que até hoje tenho carinho e amizade. Uma professora do colégio que nos dávamos muito bem era Joelina.

Motivada pela família, retornei aos estudos, frequentei o Colégio Municipal Ruy Barbosa junto com minhas filhas, Reinilda, Reinalda e Rosana. Como tinha que dar bons exemplos para minhas filhas não poderia tirar notas baixas. Os professores do colégio sempre foram respeitosos, prontos a nos ajudar no necessário. Por volta dos 39 anos, concluí meus estudos no segundo grau, que era chamado de Magistério.

Atuei como professora no período de 3 meses no Grupo Escolar Presidente Kenedy, onde deixei boa impressão e construí novas amizades. Mas, meu esposo fez uma proposta, em que me pagaria o salário de um professor para que trabalhasse no lar com a educação dos nossos filhos, uma família sempre unida, feliz, vive como gosta com boas amizades e saúde, trabalhadores e


respeitados por familiares e amigos. Anos depois, recebi um convite da diretora Iraci Ferreira de Castro, em que tive a honra de ser convidada para ser paraninfa da turma do segundo ano primário.

No meu tempo de estudante havia muito respeito com os professores. Pedia a benção, chamava de tia ou madrinha, muitos apadrinhavam os alunos, não tinha punições porque éramos muito obedientes, religiosos, sempre fazíamos orações em sala de aula, a professora sempre observava se alguém estivesse triste, aconselhava, quando doentes dava remédios.

Não se compara o meu tempo de estudante com o de hoje. Com tantas oportunidades de ensino e transportes, com internet, materiais e escolas de boa qualidade, mesmo com tanta facilidade, ainda se encontra pessoas legais e outros estudantes que nem fazem esforços para aprender. Não é como antigamente que se decorava a tabuada, caligrafia impecável. Há muitas desordens, alunos que não respeitam os colegas e nem os professores, hoje os professores se desgastam muito para dar um ensino favorável e de qualidade nas escolas, mas alguns alunos não reconhecem.







*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



ESTELA FREIRE DE SANTANA

Estela Freire de Santana, nasci no dia 23 de dezembro de 1937, em Remanso Velho. Meus pais são Arthur Freire do Nascimento e Edite de Souza Freire. Fui casada, hoje viúva; tive nove filhos, dezessete netos e seis bisnetos. Entrei na escola com sete anos de idade, era uma escola particular que funcionava na casa de uma senhora chamada Maria da Conceição, ela mesma era professora, essa casa era muito alegre, na época não usávamos uniforme, eu ia à escola com roupas normais, as minhas que meus pais podiam comprar. Logo depois entrei no grupo escolar Getúlio Vargas onde cursei do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental I, recebi até um

diploma. Estudei somente até o encerramento do quinto ano. Parei de ir à escola porque fiquei noiva, pois o casamento naquele tempo era muito importante, em seguida já me casei com o senhor Emitério Pereira de Santana, e deixei de frequentar a escola, porém, sou satisfeita com o meu grau de escolaridade; pois foi o que meus pais conseguiram me dar mesmo com tanta dificuldade. Sou feliz, estou de bem com a vida. E meus filhos são todos formados, graças a Deus.

Uma das recordações que tenho do meu primeiro dia de aula, é que minha professora queria que eu ficasse quieta e eu sempre passeando na sala de aula, ainda tomei uma “reguada” nas pernas; eu comi o meu lanche antes do recreio e antes dos meus coleguinhas. Eu era danada demais na escola; gostava da hora do recreio, eu pulava o muro para comprar broa e melancias, sempre cheia de coragem, mas tinha um trabalhador da construção do outro prédio escolar, que me ajudava, dava uma de suas cordas para eu pular o muro; tinha um espaço entre os banheiros que nós colocamos o nome de “inferno” onde empurrávamos uns aos outros, para cairmos por cima, outros para os lados, outros de ponta a pé. Mas no dia que


eu não ia à escola eu ficava triste. Era lá a minha diversão, depois que cresci melhorei em questão das danações.

Na minha escola tinha muitas salas, banheiros, cadeiras duplas, quadro negro. O professor era tratado com muito respeito, era nosso segundo pai, bastava olhar que nós já o obedecíamos. A comparação que posso fazer da minha época para os dias de hoje, é que a gente aprendia mais, porque hoje vejo pessoas estudadas com português bem fraco, e em matemática também, e é porque agora as salas são frescas, com aparelhos de ar-condicionado, aulas interessantes com novidades, mas parece que o aluno não dá atenção.

O jeito de ensinar era bom, as explicações, o modo de escrever; lembro-me até que minha professora desenhava um relógio para ensinar a hora. As provas eram uma escrita e outra oral, como por exemplo: se a prova fosse de história era uma escrita e outra oral. O ensino agora é bem diferente, entra mais cedo na escola, já vão bem desenvolvidos, pois os tempos estão modernos.

Tenho boas recordações dos meus professores, eram dedicados e amáveis, lembro-me até de quanto era o pagamento na época, meu pai pagava 5 contos, e se alguma jovem engravidasse não podia mais ir à escola,

mesmo depois da gestação. Era um tipo de preconceito.
Enfim, tenho muitas saudades da minha escola e colegas.

An ornate, hand-drawn border in gold and green, featuring intricate scrollwork and clusters of small pink, blue, and red flowers. The border frames a central cream-colored area where the title is written.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



HELENA SENA GOMES


Mé chamo Helena Sena Gomes, tenho 85 anos, nasci na cidade de Pilão Arcado - BA. Estudei até o 4º ano do Ensino Fundamental, meu pai era comerciante, minha mãe cuidava do lar e muito pequena fui com minha família morar em Remanso.

A primeira escola onde estudei foi o Grupo Getúlio Vargas. Lembro-me que ficava próximo a minha casa, mas logo perdi meus pais, fiquei órfã e sai de Remanso para cidade de Barreiras - BA, com meus cuidadores. Chegando lá, comecei a estudar, tinha 6 ou 7 anos de idade. Fomos recebidos por vários professores, mas na sala de aula ficava apenas uma. Tinha muitos alunos na minha sala e ficávamos lá até meio dia.

Naquela época, os professores ensinavam com muita rigidez. Aprendíamos mesmo tudo que o professor passava, tinha prova oral e escrita. O pouco que estudei aprendi pra nunca mais esquecer. Percebo que hoje em dia é mais difícil, com tantos conteúdos pra estudar parece que o aluno não aprende como antigamente e o professor não é mais respeitado como antes.

Logo viajamos para Periperi - BA, depois moramos em Praia Grande, e depois Salvador - BA; estudei em todas essas cidades. Naquela época existia carinho por parte de alguns professores, mas os castigos não faltavam, como ajoelhar no milho, ficar de costas pra turma no canto da parede e palmatória. Usávamos o ABC e cartilha. A última escola que estudei foi em São Raimundo Nonato - PI, no colégio interno das freiras, lá fiz o 4º ano e me preparei para fazer o exame de admissão, mas não fiz. Voltei para Remanso e não continuei meus estudos por falta de incentivo, pois não tinha mais meus pais e meus padrinhos me davam tudo que eu precisava.



An ornate, hand-drawn border in gold and green, featuring intricate scrollwork and clusters of small, colorful flowers (pink, blue, and green) scattered throughout. The border frames a central rectangular area with a light cream background.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



IRACI DOS PASSOS TEIXEIRA

Sou Iraci dos Passos Teixeira, tenho 72 anos, nasci na Fazenda Sítio São José que fica localizada na cidade de Remanso - BA. Fui professora por alguns anos, sou graduada em Matemática e Ciências e pós-graduada em Gestão de Recursos Humanos.

Dei início aos meus estudos aos 6 anos de idade, na localidade onde nasci. Recordo-me que estudávamos em uma sala que tinha alunos de todas as idades, sentávamos em longos bancos e compartilhávamos uma única mesa

para aprender a escrever cobrindo letras, usando tinta de tinteiro e pena.

Nesta mesma época, era usada a palmatória para punir os alunos que errassem as questões feitas pelo professor, onde a maioria das questões eram operações matemáticas. Para facilitar a aprendizagem, os professores adotavam a música como estratégia para decorar a tabuada. Não existiam quadros negros e o material didático usado pelos alunos era a cartilha do ABC. Para as séries mais adiantadas, era utilizada uma certa cartilha de caligrafia para evolução da escrita.

No tempo que eu estudava, a escola era bem rígida no quesito disciplinar. Lembro-me como se fosse hoje: todos os dias cantávamos o Hino Nacional e rezávamos antes de começar a aula. Antigamente, era comum os pais dos alunos recomendarem aos professores o castigo dos seus filhos, caso eles agissem com indisciplina dentro da sala de aula. As punições eram de todo tipo, como: puxão de orelha, ficar de joelho em cima do milho e palmadas com palmatória.

Ficou marcado um momento da minha adolescência, o dia em que recebi um bilhete de um colega me pedindo em namoro, mas me senti ofendida com o pedido em razão de ser nova. Então quando chegou a hora do recreio decidi

relatar o ocorrido à professora. Ao término do recreio está mesma professora questionou o colega se eu tinha dado a ousadia de escrever aquele bilhete. Com muita sabedoria, apesar da idade, ele respondeu que no dia anterior, eu tinha acenado com um adeus. Me senti muito envergonhada naquele momento, pois não esperava aquela atitude da professora. Dias após o ocorrido, meu colega não falou mais comigo e fiquei triste pois éramos amigos. Muitos anos depois, nos reencontramos em uma cidade e relembramos o acontecimento com muita gargalhada.


Anos atrás, a relação professor-aluno não era harmônica e infelizmente vivenciei isso uma vez, quando meu professor realizou a sabatina na sala. A sabatina era realizada da seguinte forma: o professor fazia uma pergunta ao aluno, se ele acertasse se livrava da palmatória, se errasse recebia uma palmada de palmatória do colega que acertasse. Um dia o professor me fez uma pergunta e eu acetei, depois ele fez uma pergunta à minha colega adulta e ela errou. Era pra me dar uma palmada nela, mas o professor me proibiu pelo fato dela ser namorada dele. Fiquei muito triste com isso, pois na minha sala de aula houve favoritismo por parte do professor.

Nos dias de hoje, não é tão difícil ingressar nas séries finais, mas na minha época para conseguir, era necessário fazer uma prova chamada admissão e os assuntos estudados para essa prova faziam parte de um livro bem grosso. Estudei bastante para essa prova e um dos assuntos mais cobrados pela minha professora Risalva era o verbo. Sou muito grata à ela pela dedicação de me ensinar, pois hoje compreendo a importância do verbo para se falar corretamente.

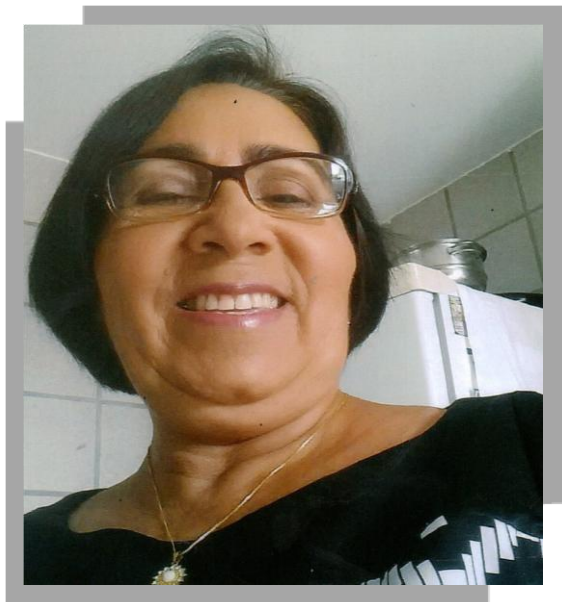
Ao longo dos anos, a forma de ensinar se modificou bastante, mas pude notar que os alunos de anos atrás eram mais preparados, pois se dedicavam mais aos estudos. Hoje é notório que falta muito comprometimento por parte desses educandos com a escola, respeito com os professores e amor pela educação. Estudei uma disciplina chamada Educação Moral e Cívica, a qual conheço que contribuiu bastante na minha formação como cidadã.

Trabalhei como professora por alguns anos e reconheço o papel do professor na elevação da autoestima que é tão importante para o ser humano, pois existem pessoas com a autoconfiança muito baixa e tanto palavras, como ações do professor são fundamentais para elevá-la.



An ornate, hand-drawn border in gold and green, featuring intricate scrollwork and clusters of small pink, blue, and red flowers. The border frames a central rectangular area with a light cream background.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



JOANILDA DE OLIVEIRA MUNIZ

Ósou Joanilda de Oliveira Muniz, nasci em 19 de junho de 1962, em um interior chamado Sossego, Município de Dirceu Arcoverde, no estado do Piauí. Minha mãe se chama Terezinha de Jesus Oliveira e meu pai José Rosendo de Oliveira, sou a quarta filha de oito irmãos. Tive uma infância maravilhosa, participei de todas as brincadeiras da época, brinquei muito de casinha onde sempre eu era a mãe das outras crianças que brincavam comigo. Nestas brincadeiras, muitas vezes pegava as

panelas da cozinha da minha mãe para cozinhar a nossa comida de brincadeira. Atualmente, sou professora aposentada, graduada em Pedagogia, Especialista em Psicopedagogia Escolar.

No interior onde eu morava, não tinha escola para frequentar, aprendi a ler e escrever com meu primo Luiz de Oliveira que passava as férias com minha família. Ele ensinava as crianças mais velhas e como eu tinha muito desejo de aprender, frequentava as aulas e fui aprendendo as letras e soletrar algumas palavras.

Quando cheguei na Velha Remanso, fui matriculada em uma sala das Escolas Isoladas com 8 anos de idade, lá estudei a cartilha. No ano seguinte entrei no Grupo Escolar Presidente Kennedy, que ficava no Capão de Baixo, para estudar o primeiro ano. Essa era uma escola grande em relação à primeira. Na entrada tinha umas escadas onde se faziam filas para cantar o hino nacional e só depois era permitida a entrada dos alunos para as salas de aulas, os quais todos uniformizados.

A escola tinha secretaria, três salas de aula, cujo acesso se dava por um corredor e nele estavam os sanitários masculino e feminino. Ao lado da secretaria,

ficava a cozinha e um pátio grande que era utilizado nos eventos da escola.

Minha primeira professora nesta escola se chamava Matilde, bonita, educada e muito responsável, ensinava a frente do tempo em que vivíamos, era um exemplo para os alunos e um espelho para mim, já que tinha o desejo de ser professora. Percebendo este meu desejo ela reforçava quando me pedia para ajudá-la a corrigir cadernos dos colegas, copiar algo na lousa e auxiliar na sabatina (tabuada). Esta atividade era um tanto complexa uma vez que quando um aluno errava a soma, a subtração, a multiplicação ou a divisão de um número solicitado por ela, este levava um bolo com uma régua de madeira.

Certa vez, uma colega errou o que ela perguntou e a pergunta foi transferida para mim, acertei a resposta e ela me entregou uma régua e pediu que eu desse o bolo na colega, mas não querendo bater na mesma fiz só menção. Então, ela tomou a régua e deu um bolo forte em mim e outro na minha colega, bolo que até hoje dói, pois considereei injusto. Mesmo considerado este bolo injusto, nada mudou minha relação com ela. Continuei admirando-a e estudei mais dois anos com esta mesma professora. As aulas eram divertidas e continuei como se lhe fosse uma

auxiliar dentro da sala de aula, o que me deixava muito feliz.

O quarto ano cursei nesta mesma escola, mas com outra professora que também fez um trabalho satisfatório. Em seguida fui para o colégio Ruy Barbosa onde cursei o ginásio e conclui o magistério em 1981, e em 1982 já estava dando aula na escola Girassol e no Colégio Estadual Reitor Edgard Santos, neste contratada pelo Estado. Em 1999, surgiu a oportunidade de fazer a graduação e esta foi feita com muito esforço, pois tinha que conciliar sala de aula, filhos, trabalhos domésticos e a faculdade, mas graças a Deus deu tudo certo. Em 2002, voltei aos bancos escolares, desta vez para fazer a especialização.


Logo que conclui o magistério e comecei a lecionar, me reporteí muito às aulas da minha professora citada acima, pois muitas vezes utilizei atividades desenvolvidas por ela na sala de aula quando eu era aluna, a exemplo: a hora da novidade e a hora do conto. Atividades estas que tinham por objetivo trabalhar a oralidade do educando. Na minha trajetória como aluna, nunca deixei de participar de apresentações nas festividades da escola, cantado, recitando, dramatizando ou dançando. Utilizei esta

dinâmica em sala de aula em toda minha trajetória como professora e me realizava quando via a culminância dos trabalhos.

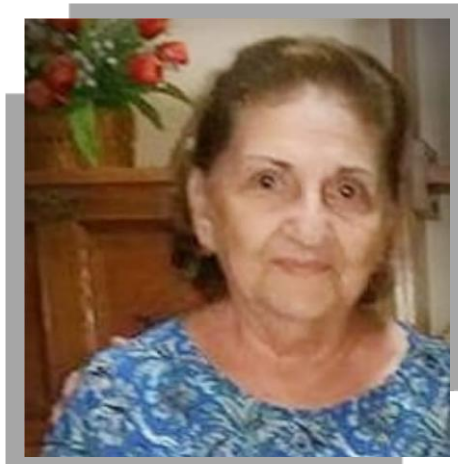
No meu tempo, a escola era o que podemos considerar fechada. Hoje a escola é muito mais aberta permitindo a formação de um aluno pensante, capaz de elaborar seus próprios conceitos acerca de um determinado assunto. Levando em conta os métodos utilizados hoje, que visam trabalhar o aluno na sua totalidade, o que não acontecia com os métodos de antes que muitas vezes limitavam o aluno na sua formação de ser pensante.







*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



JOANITA MARIANO SENA ***(IN MEMORIAM)***

☞filha de Mariano de Sena e Eulina Borges Mariano, me chamo Joanita Mariano Sena. Nasci em Pilão Arcado-BA, em 24 de junho de 1937, atualmente moro na cidade de Remanso - BA.

Na minha idade acho muito importante fazer atividades e não me desanimar; gosto de viajar, conhecer lugares diferentes e também sou apegada na minha fé; gosto de ir à igreja e sempre estou do lado de pessoas alegres, me sinto bem em um ambiente alegre.

Entreí na escola com 7 anos, pois não havia pré-escola em pilão Arcado. Me formei em Magistério e atuei como professora em um curto período na Escola Monteiro

Lobato. Lembro do meu primeiro dia de aula; fui com algumas colegas e a minha mãe. A escola era perto da minha casa, lembro que, ao chegar na minha sala, minha professora perguntou se eu sabia o alfabeto e a respondi que sim, pois minha mãe havia me ensinado em casa.

No meu tempo a cidade não tinha energia, tudo era bem precário. A escola era uma casa comum, com quatro janelas e uma porta bem larga. Não tinha divisão de turmas, estudávamos todos juntos, 1º, 2º e 3º ano, tinha somente duas professoras para as três séries. Dentro da sala tinha um quartinho onde a professora guardava os materiais e também servia para os alunos que desobedeciam ficarem de castigo. Ao chegar à escola, tínhamos que ficar em ordem para cantar o Hino Nacional; tínhamos um fardamento que deveria estar sempre impecável.


Recordo-me que dentro da escola tinha um pote com água, mas eu levava uma moringa de casa, pois minha mãe achava que a água da escola era contaminada. As carteiras eram duplas e tinham no meio da mesa um potinho com tinta e duas penas que era nossa caneta. Tínhamos também uma pedra em que fazíamos nossos cálculos de matemática. Nas sextas, acontecia o “argumento” onde respondíamos no quadro as somas de matemática, os

alunos que acertassem a conta poderiam dar palmatória naqueles que não acertavam. Eu tinha uma ótima relação com minha professora segundo minha mãe, foi ela que colocou meu nome. Recordo que havia algumas festinhas de comemorações e saíamos nas ruas desfilando, encerrando com um poema que decorávamos para ler debaixo de uma árvore. Em seguida, íamos para a casa da professora lanchar.

Estudei em Pilão arcado por um período e depois vim para a cidade de Remanso. Parei meus estudos por um tempo, depois retornei e só consegui me formar em Magistério aos 40 anos de idade.

Em minha opinião, comparando a época em que estudei com a atual, percebo que em sala de aula o professor tem cuidado nas palavras, pois qualquer fala dele pode ser usada contra ele, o professor não é mais visto como autoridade máxima em sala de aula, nem para os alunos como para os pais. Já quando eu estudei o professor podia nos castigar quando fosse necessário, ele tinha total autoridade para isso. Com tanta tecnologia, percebo também que as crianças não gostam mais tanto de ir à escola, para eles estar em casa com o celular ou um computador é mais divertido, mas para mim, ir a escola era um momento de diversão.





*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



LUCIA PEREIRA DOS SANTOS

Meu nome é Lucia Pereira dos Santos, sou filha de Cândido Pereira de Santana e de Maria Joana dos Santos. Nasci em 18 de outubro de 1930, no interior chamado Fazenda Jatobá, que ficava a 6 km da antiga cidade de Remanso. Naquele tempo não havia escola no interior e por causa disso meu tio João Soares, primo legítimo de meu pai, o incentivou a me mandar para a cidade, porque chegando lá ele ia me colocar para estudar. Meu pai muito preocupado com a minha educação me mandou para a cidade e então com dez anos de idade eu comecei a estudar.

O nome da minha primeira professora era Dona Alice, uma senhora idosa, muito paciente, e que nos

Contos, Recontos e Encantos das Memórias da Terceira Idade | 84

tratava muito bem. Ela foi a responsável por me alfabetizar através das antigas cartilhas. Após a conclusão da minha alfabetização, fui para a 1ª série. Como não havia escolas organizadas com muitas salas, fui para a escola do Senhor Nô, um dos primeiros professores de Remanso; era um pequeno salão, sem quadro negro, não havia mesas, apenas uma mesa grande que era a mesa do professor, que era usada quando íamos responder o dever; não tinha cadeiras, o assento era um banquinho chamado de tamborete, sem braço ou encosto. Ali estudei da primeira à oitava série com o mesmo professor; a única diferença era o livro que mudava a cada série, tanto é que a primeira série era chamada de primeiro livro. Foi nesse momento que deixei a cartilha de lado, lá não havia diretor, nem coordenador e nem merenda para os alunos, era apenas o professor e pronto, também não tinha farda ali.

Eu acho que a educação daquele tempo é muito diferente da de agora, hoje os professores explicam mais, há um esforço maior da parte deles para poder ajudar o aluno, o estudo está mais avançado. Na Fazenda Jatobá já há um colégio grande e bonito e as crianças não precisam ficar saindo de lá para poder estudar, sem falar na grande quantidade de recursos que os alunos têm hoje. Já no meu


tempo, era mais rígido, tínhamos medo do professor, na sala de aula a matemática era cantada, se errar levava palmatória, era preciso decorar a tabuada porque se o professor perguntasse, eu não soubesse e o colega do lado respondesse o professor me batia com uma régua de madeira que ele tinha, Todo o recurso que tinha era apenas: o caderno, o lápis e o livro. O professor tinha uma grande preocupação com a gente; se um faltasse ele ia atrás dos pais, para saber o que estava acontecendo, o porquê de o aluno não ter ido para a escola.

Antigamente em Remanso só tinha até a oitava série, quem quisesse fazer o ensino médio tinha que ir pra a cidade de São Raimundo Nonato, essa era a cidade mais próxima que tinha esse ensino. Meus pais insistiram muito pra eu estudar lá, só que mesmo com tanta insistência eu optei por não ir, até porque naquele tempo se você soubesse ler, escrever e fazer conta já era o suficiente. Para a gente era a mesma coisa de já ter se formado, principalmente se já soubesse fazer uma carta. Escrever carta era até uma das profissões da época, então parei os meus estudos na oitava série. Com dezesseis anos me casei com Ambrósio Gomes dos Santos, com um ano e meio veio o meu primeiro filho, em seguida vieram os outros, doze ao todo. Os mais velhos tinham o costume de dizer

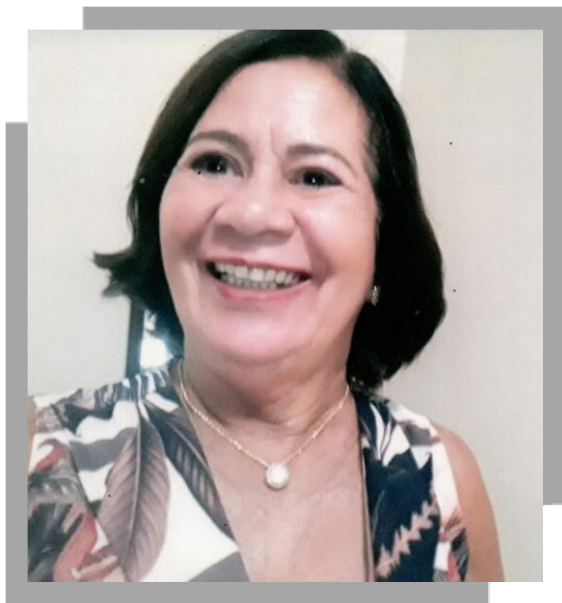
que havia uma doença de sete dias, e que muitas crianças morriam de sete dias por causa dessa doença, um dos meus filhos pequenos morreu com sete dias outro com alguns meses, mas graças a Deus todos os outros dez se criaram.

A falta de instrução afeta muito a pessoa idosa, pois esta se sente muito limitada pela falta de conhecimento. Hoje eu ainda tenho minha casinha construída pelo meu marido no sitio lá no interior onde nasci. Me lembro que, quando o meu filho mais velho se formou, ele não quis a festa na cidade, mas lá no meu sitio, no interior. De vez em quando eu vou lá, só que já estou cansada, me entristeço um pouco por necessitar do auxílio de outras pessoas para muitas coisas, mas me alegro muito com a companhia dos meus filhos.



An ornate, hand-drawn border in gold and green, featuring intricate scrollwork and clusters of small, colorful flowers (pink, blue, and green) scattered throughout. The border frames a central rectangular area with a light cream background.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



MARIA ANGÉLICA BRITO DOS MÁRTIRES

Nasci no dia 13 de julho de 1953 em Remanso - BA, filha de Joaquim Brito de Araújo e Maria Agostinha de Araújo. Me chamo Maria Angélica Brito dos Mártires. Me formei em Magistério em 1979, no Colégio Municipal Ruy Barbosa.

Comecei a estudar com 6 anos de idade em uma escola isolada particular com uma professora leiga, minha vizinha, conhecida como dona Santinha. Com ela aprendi

o alfabeto e as primeiras sílabas. Ela ensinava apenas português e matemática, usávamos a carta de ABC.

Sou filha única e minha mãe cobrava bastante. Apesar de não ser alfabetizada, todos os dias me colocava pra estudar e sempre ia à escola falar com os professores. No ano seguinte, fui estudar em uma escola do estado, onde tive que iniciar o 1º ano, pois as aulas que tive não tinham validade legal; era um anexo, uma sala separada da escola. Foi quando tive meu primeiro livro chamado “Nosso Tesouro”, fazíamos as tarefas e a professora “tomava a lição”. Aos sábados tinha o “argumento”, era somente a tabuada e a professora fazia uma competição entre os alunos, quem errasse levava bolo de palmatória do colega, eu adorava essa professora. Certa vez ela me deu uma reguada nas pernas por estar conversando com uma colega, mas isso era normal na época.

No 2º ano, o livro era “Nosso Tesouro II”, no 3º ano fui estudar no Grupo Escolar Getúlio Vargas, onde estudei até o 5º ano. Lembro-me que na entrada cantávamos o Hino Nacional Brasileiro e rezávamos. A escola era de médio porte, tinha dois pavilhões, cada pavilhão tinha quatro salas, tinha um corredor que chamávamos de “inferno”, era onde aconteciam as brincadeiras como “bola

envenenada”. A professora era Irene Araújo, sentávamos em dupla e aos sábados tínhamos aulas de artes. As meninas aprendiam bordado e os meninos artesanato em madeira. O uniforme era saia anarruga xadrez e camisa branca, sapatos pretos e meia. A diretora era dona Marina. No 4º ano, lembro muito bem que a professora Mariazinha colocava na sala um quadro com uma paisagem de um menino e uma menina montados em um cavalo, uma serra ao fundo, uma casa, um cachorro e sol se pondo e a professora pedia “descreva a paisagem”. Nessa turma, fui colega do professor Alcides (hoje Deputado Federal) e que posteriormente veio a ser meu professor, pois tive que parar de estudar por um tempo. No 5º ano a professora era Nilza, a expectativa era grande pra fazer o exame de admissão, porém meus pais não permitiram que eu fizesse, diziam que éramos pobres e colégio era pra rico. Chorei muito, pois não aceitava isto, minha mãe dizia que pobre que ia pra o colégio era pobre metido, mas eu não desisti.

Depois de algum tempo, já com quinze anos de idade, arrumei um emprego, pra voltar a estudar, na época tinha que pagar. Comecei a trabalhar na casa Paroquial fazendo hóstia, recebia 13 cruzeiros, e repassava o mesmo valor para escola. Voltei a cursar a 4ª série no Colégio Ruy


Barbosa, já não tinha mais o exame de admissão, foi então que o Alcides foi meu professor, ele já estava na 8ª série e ensinava como professor leigo. Na 5ª e 6ª séries, entre as outras disciplinas, estudávamos E.M.C (Educação Moral e Cívica) e na 7ª e 8ª séries O.S.P.B (Organização Social Política Brasileira). Os professores passavam a imagem de autoridade, respeitávamos muito, como se fossem nossos pais, ficavam no pedestal, o aluno não tinha voz. Já no ensino médio foi diferente, tínhamos uma relação de amizade com alguns professores. Continuei no Ruy Barbosa, na época era a única escola de Remanso que oferecia o Ensino Médio, fiz o 1º ano que era chamado de básico, que eu repeti por falta, por problemas familiares; meu pai estava com câncer e eu o acompanhava para fazer tratamento fora da cidade. No ano seguinte continuei, não desisti do meu sonho e me formei em magistério. Não foi fácil, mas com persistência consegui alcançar meu objetivo.

Hoje em dia é muito fácil o acesso à educação, os métodos de ensino facilitaram. Na minha época os professores avaliavam os alunos com muita rigidez, porém existia mais respeito. O professor perdeu sua autoridade e essa é uma das grandes dificuldades de exercer nossa

profissão atualmente. Me formei em 1979 e em 1980 comecei a trabalhar como diretora de uma escola infantil, Chapeuzinho Vermelho.

Devo muito da minha trajetória escolar aos meus próprios esforços. Acredito que a educação pode transformar vidas e eu sou prova disso, me sinto feliz e realizada por tudo que fiz.





*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



MARIA DO SOCORRO TEIXEIRA

RUBENS


Nasci no dia 15 de novembro de 1940 em Remanso – BA. Tive uma infância tranquila, sem muitas amigas, gostava muito de brincar de várias brincadeiras e uma delas era contar histórias. Meu pai chamava-se Efigênio Café Teixeira, minha mãe Abigail Ferreira Teixeira, mas desde que nasci sempre morei com meus avós paternos, Isabel Café e Glicério.

Iniciei os estudos com sete anos de idade. Minha primeira professora chamava-se Dilza, eu a amava muito.

Estudei do primeiro ao quinto ano no Grupo Escolar Getúlio Vargas, depois conclui a quarta série no Colégio Municipal Rui Barbosa. A sala tinha poucos cartazes, um quadro negro, as carteiras e mesa do professor. Comecei a estudar o primeiro, segundo e terceiro ano pedagógico na Escola Normal de Remanso, conclui em 1962 e logo em 1963, passei a trabalhar em uma escola alugada. Fiz vários cursos, passei a trabalhar no Grupo Escolar Getúlio Vargas e Reitor Edgar Santos até me aposentar e sempre tive uma boa relação com meus alunos. Vejo que a educação de hoje melhorou muito, o aluno tem mais liberdade de se expressar.







*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



MARIA DOS SANTOS PEREIRA DA SILVA TEIXEIRA

*M*aria dos Santos Pereira da Silva Teixeira, carinhosamente conhecida como Mariazinha. A oitava filha de Manoel Pereira da Silva e Dália Pereira de Souza, nascida em 01 de novembro de 1949, na cidade de Juazeiro - BA, moro há, mais ou menos, trinta e seis anos em Remanso. Formada em Estudos Sociais pela FFPP e Direito pela Universidade Federal da Paraíba. Exerci as duas atividades por um período, mas com o passar do

tempo, optei por apenas advogar, função da qual me aposentei há três anos.

Comecei a estudar entre cinco e seis anos. Uma das melhores épocas da minha vida. Nós nos divertíamos, mas na hora de estudar fazíamos com enorme prazer, competições existiam, mas era algo saudável, sem intenção de prejudicar o outro. Nosso intuito era o crescimento mutuo, sem rivalidades ou inimizades. Éramos muito felizes.

Nesse período, além de estudar em casa, também estudei na escola de dona Alzira, passando depois para a turma de dona Silvia, filha da mesma. Aos sete anos fui transferida para a Escola Nossa Senhora de Lourdes, uma escola do governo onde estudei até a terceira série. Com mais ou menos doze anos passei a estudar no Ginásio de Juazeiro. Nesse colégio estudei da quarta a quinta série e a prova de admissão que foi o ponto chave na minha vida escolar.

Muitas são as recordações que trago dessa época. Para mim, uma época maravilhosa onde havia respeito por parte dos alunos para com os professores, uma época em que o estudante realmente estudava e o professor cumpria sua tarefa de ensinar. A escola não era um membro

separado, ao contrário, ela era a continuação da educação que recebíamos em casa. A educação de casa era refletida na escola, os pais eram mais presentes, ajudando a fiscalizar o comportamento e desenvolvimento do aluno, atitude que não se vê nas famílias dos estudantes atualmente.

O ensino em si nos levava a estudar, a sempre querer saber mais, em ter gosto pelo aprender. E dentro de todas essas fases a que mais marcou foi o teste de admissão, como citado anteriormente. Eu o fiz em dezembro, recordo-me que minhas notas em todas as disciplinas foram nove, exceto em geografia, que minha nota foi quatro e meio.

Foi algo que me marcou, eu gostava muito de estudar, fiquei envergonhada de não ter sido aprovada. Foi então que eu determinei que em fevereiro faria novamente o exame e seria aprovada. Lembro-me que estudava pela manhã no reforço e à tarde e à noite em casa. Enfim chegou fevereiro, realizei a prova. Consegui obter nove e meio nas disciplinas de Português, Matemática, História e em Geografia; tirei nota cinco, passei arrastada, acredito que quando o estudante não tem afinidade com uma determinada disciplina, aprendê-la é mais complicado;

esse era o meu caso, eu nunca gostei de Geografia. Após a prova escrita era realizada a prova oral. Era feito um sorteio com a disciplina e o conteúdo a ser apresentado pelo estudante. Para minha sorte, a minha foi História e o assunto foi Inconfidência Mineira; eu adorava história, tirei de letra. Fui aprovada e passei para o ginásio. Nessa época, estudei no Ginásio Juazeiro. Entrei aos doze anos e me formei aos dezesseis. No ano seguinte, fiz o curso de Magistério no Colégio Estadual de Petrolina e o curso Científico no Colégio Ruy Barbosa em Juazeiro. Concluí os dois cursos juntos.

Após concluir o ensino médio ou colegial como era chamado, fiz o vestibular da FFPP, fui aprovada no curso de Estudos Sociais em décimo segundo lugar. Com essa colocação consegui uma bolsa de estudos. Concluí o curso, mas não era o que eu queria, meu coração na realidade pulsava pelo curso de Direito. Foi então que fiz o concurso de títulos e o vestibular e fui aprovada nos dois. Morei por seis anos em Souza na Paraíba e concluí meu tão sonhado curso de Direito pela Universidade Federal da Paraíba. Assim que concluí, voltei para Juazeiro e comecei a trabalhar. Me casei e foi então que vim morar na cidade de Remanso. Nessa época comecei a

trabalhar no Colégio Ruy Barbosa como professora da disciplina Moral e Cívica.

Apesar das duas formações acadêmicas que me permitiam exercer duas profissões diferentes, me vi na obrigação de escolher apenas uma das funções, no intuito de realizar um trabalho de qualidade; foi então que optei por advogar.

Eu sempre gostei muito de estudar. Recordo-me do primeiro romance que li: “O Guarani de José de Alencar.” Me apaixonei tanto, que li todas as suas obras. Naquela época, no ginásio, nós líamos um livro por mês e fazíamos a interpretação exatamente como tínhamos compreendido, inclusive através de desenhos. Acredito que seja esse o motivo de acharmos mais fácil a realização de redações.

Como é bom poder recordar de uma época tão boa, dos professores, diretores e colegas. Faz-me lembrar uma certa vez em que no caminho para a escola meus colegas iam na minha frente e os chamei, pedindo para esperar, e todos estávamos com pressa pois tínhamos uma prova e atrasos eram inadmissíveis, mas mesmo assim eles me esperaram. Resultou que naquele dia, ninguém fez a prova, pois não conseguimos chegar a tempo. Éramos muito unidos, nossas amizades eram simples, havia

respeito e amor sem nenhum interesse. Nossos professores eram tratados com muito respeito; infelizmente não se vê isso na escola atual.

Meu professor de História era fantástico. Professor Antogildo marcou muito a minha vida, seus métodos eram tão bons e eficazes que fazíamos a prova somente com sua explicação. Certa vez ele deu uma aula utilizando a poesia Navios Negreiros, que aula maravilhosa.

Havia também o professor Chico Romão, ele ministrava a disciplina de Matemática, seu método era simples e o aluno que não prestasse atenção ele alertava de imediato que, caso não quisesse participar da aula, repetiria de ano. Isso era o suficiente para dedicarmos nossa atenção à aula, pois naquele tempo o professor só falava uma vez. Ele explicava o assunto em um dia, no outro concluía e aplicava atividade e no terceiro dia o aluno ia até o quadro para responder à questão.

Tenho orgulho de dizer que fui aluna do professor Antogildo e Chico Romão, tenho alegria e satisfação em ter estudado num tempo tão bom e de ter tido colegas tão unidos e dedicados. Quantas peripécias aprontamos, coisas inocentes que não feriam nem denegriam a imagem dos outros ou dos ambientes onde estávamos. Realizamos rifas


para ajudar a escola, aprontamos entrando pela janela escondidos e fechando a sala para que ninguém entrasse, mas nunca depredamos a mesma ou ofendemos nossos mestres.

As escolas daquela época não possuíam o conforto que existe hoje em muitas. Recordo-me que uma das escolas que estudei, a carteira era na verdade um banco bem desconfortável, mas isso nunca nos impediu de estudar e muito menos de desrespeitar o espaço onde estávamos. Nessa mesma escola, havia uma professora que tinha seu próprio mecanismo para nos deixar ir ao banheiro: a pedra da permissão. Ela teve essa ideia porque por muitas vezes pedíamos para ir ao banheiro, mas na verdade usávamos o pretexto para arrancar goiaba numa goiabeira que tinha no quintal da escola.

Havia também a professora de Ciências, Marilene, na época de calor ela não permitia que nós nos abanássemos, ela nos explicava que ao nos movimentar sentiríamos mais calor ainda, e no final aprendíamos mais um pouco. Os professores eram rigorosos, cada um com sua metodologia para diversas situações, mas independente disso os respeitávamos como se fossem nossos pais. Tínhamos respeito inclusive pelo uniforme, o

mesmo era de uso exclusivo para a escola, éramos duramente repreendidos se depois do horário escolar fôssemos pegos passeando usando a farda da escola. Desfilar no sete de setembro era um dos grandes momentos para nós, participávamos do desfile cívico com muito orgulho. No final, e apesar de todas as ressalvas, tínhamos orgulho de sermos estudantes.



A decorative border in gold and green with small pink and blue flowers surrounds the text. The border is ornate, with scrollwork and floral motifs at the corners and along the sides.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



MARIA REGINA VARGAS DOS SANTOS

Nasci no dia 13 de março de 1955, na cidade de Remanso, me chamo Maria Regina Vargas dos Santos e considero ter uma autoestima na minha idade. Valorizo-me e não me sinto limitada por minha idade; procuro ser dona da minha opinião, não permito que terceiros me imponham o que devo fazer.

Iniciei meus estudos aos 7 anos de idade, não havia pré-escola, cursei o magistério, mas antes de terminar a admissão casei e parei meus estudos, porém sempre senti vontade de concluir. Com o passar dos anos, retornei a sala de aula, e concluí o magistério. Atuei como professora durante nove anos nas séries iniciais.


Recordo muito bem do meu primeiro dia de aula, foi um dia muito importante para mim, pois era a primeira vez que iria frequentar uma escola. Recordo-me que na noite anterior, não consegui dormir de tão ansiosa, arrumava meus materiais por muitas vezes.

A estrutura da escola era simples e não muito grande, as carteiras eram de madeira e dupla. Minha professora era Dona Irene; minha relação com ela era muito boa, apesar dela ser autoritária dentro da sala, gostávamos muito dela, dentro e fora da escola. Costumávamos acompanhá-la até sua residência após a aula. Dentro da sala o aluno que era desobediente recebia castigo, que era ficar de costas no canto da parede para pensar em seus erros, mas todos na sala obedeciam e respeitavam a professora.

Eu gostava muito da escola, mas gostava ainda mais de tomar banho no rio que ficava ao lado da escola. Costumava não ir pra aula e passava direto para o rio, ficava lá por horas, quando via que os alunos estavam saindo da escola, vestia minha farda novamente e ia para casa. Quando meus pais descobriram que eu havia faltado à aula para banhar no rio, eles me colocaram em outra escola no período da tarde, para que não tivesse tempo de ir tomar banho de rio.

Além de estudar os dois horários tinha o argumento do sábado, que era o estudo da tabuada. Tínhamos que responder alguns questionários, e os alunos que errassem as respostas, levavam palmatória dos alunos que acertavam a resposta. Cantávamos o hino nacional em fila e em ordem. O professor só utilizava um livro o ano todo, para todas as matérias.

Vejo que há uma diferença da educação que tive na escola, para a educação atual. Essa diferença está na autoridade do professor em sala de aula, e quanto os alunos respeitavam essa autoridade. Hoje em dia o professor já não é tão respeitado e temido como antes. Outra diferença que vejo, é que o aluno de baixa renda tem a oportunidade de cursar um curso superior, através dos programas do governo. Em minha época não havia tantos cursos disponíveis, os que tinham, só quem fazia, eram aqueles que tinham condições financeiras favoráveis.



*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



MARIA ZELIA SOARES RIBEIRO

Nasci no dia 28 de maio de 1948, na antiga Remanso. Meu pai chamava-se Julião e minha mãe Silvinha, sou professora nível médio aposentada.

Comecei a estudar com sete anos de idade em uma escola perto da nossa casa, com o propósito de conhecer as primeiras letras e números. A professora era leiga, dava aula na sua própria casa, tinha uma postura muito rígida; ali estudei e aprendi a carta do ABC, os números e algarismos, para iniciar a fazer contas, somando, diminuindo, multiplicando e dividindo, aprendendo algarismos árabes e romanos.

A escrita era feita com letras, sílabas, palavras, cobrindo por cima da que a professora fazia; depois textos da leitura, que chamava traslado. Era uma espécie de coordenação motora, conforme o que a professora escrevia, e era sempre o mesmo texto. Enquanto o traçado não estivesse perfeito, não seria aprovado, ou seja, não mudava para outra lição.

A caligrafia tinha que ser correta e parecida com a da escrita da professora. Tudo isso ao seu devido tempo, não importava quanto demorasse; a lição de casa era a leitura bem estudada, observando a pontuação e entonação correta, passava então para a escrita que seria a cópia da mesma.


Quanto à matemática, aprendi a fazer as quatro operações, simples e complexas e a tirar a prova dos nove. Se não estudasse para aprender (decorar) e a fazer as operações, levava umas boas reguadas. Somente depois de passar por este processo de aprendizagem, o aluno estaria apto a matricular-se na escola pública na 1ª série.

Naquela época, não havia escola particular como agora, mesmo estudando em escola pública, continuava a frequentar a escola leiga. Nesse turno fazia-se as tarefas da outra escola. Foi dessa forma que terminei o primário, até a 5ª série. Terminando esta primeira etapa, estudei para

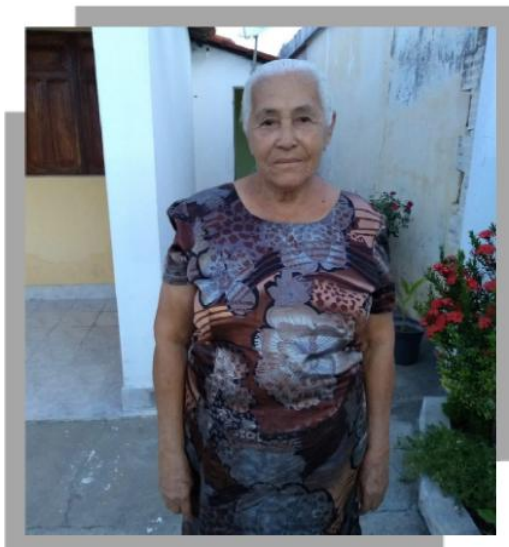
prestar o exame de Admissão: exame escrito e oral incluindo as seguintes matérias: português, matemática, história, geografia, ciências. Se o aluno fosse aprovado, passaria a estudar o colegial. No término do primeiro grau completo, cada aluno escolheria onde concluir seus estudos. Não continuei a estudar por motivo de saúde.

Segui com a profissão de professora e trabalhei em várias escolas: Grupo Escolar Getúlio Vargas, Colégio Edgar Santos, Escola Alice Dantas, Escola Pestalozzi. Fiz cursos de alfabetização ALFA, passei vários anos alfabetizando crianças. Apesar das dificuldades, foi gratificante esse período, sempre reconhecida com carinho pelos meus alunos.



An ornate, hand-drawn border in gold and green, featuring intricate scrollwork and clusters of small, colorful flowers (pink, blue, and green) scattered throughout. The border frames a central rectangular area with a light cream background.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



MERCÊS GUALBERTO FERREIRA


Sou Mercês Gualberto Ferreira, nasci na zona rural em 24 de setembro de 1941, no Sítio Melosa, município de Remanso - BA. Povoado pequeno com quase nada, não tinha energia elétrica, água encanada, posto de saúde, muito menos escola.

Como lá não existia escola para estudar e a vontade de aprender era grande, com 12 anos de idade meus pais me colocaram na casa de meu irmão mais velho, José Gualberto Ferreira, em um povoado próximo da cidade, hoje chamado Novo Marco, para estudar em uma escola.

Minha primeira professora chamava Dazinha; lembro-me como hoje, da minha primeira cartilha com um nome grande na capa, “JÁ SEI LER”. Tive muita dificuldade na 2ª série; recordo-me perfeitamente das quintas-feiras, o famoso dia da lição da tabuada. Cada aluno possuía um quadro feito de pedra, onde fazia os exercícios; quando o aluno era interrogado e se não soubesse responder, apanhava do colega com a palmatória, quem acertasse era quem batia. Certo dia acabei no castigo da palmatória. Terminei a 4ª com a professora Olindina, onde aprendi ler e escrever. Muitas vezes, a Prefeitura não pagava a professora, aí nossos pais ajudavam nas despesas da escola.

Com quarenta anos, já viúva, voltei a estudar na cidade, no Colégio Olímpio Campinho, mas, logo depois, acabei desistindo. Minha sala era composta de alunos bem jovens, a mais velha era eu, tive também alguns problemas familiares que motivaram a minha desistência. Devido à falta de escolas nas comunidades do interior, minha casa tornou-se apoio para vários adolescentes que desejavam estudar, como parentes e vizinhos, hoje já formados. Sinto-me realizada em ter contribuído com a educação na época. Costurava dia e noite para manter as despesas da casa.

Hoje com 77 anos, percebo que a educação teve muitos avanços. Muitas pessoas na época deixaram de estudar por conta da falta de escolas e professores. Sinto-me feliz por ter aprendido a ler e escrever, dando oportunidade para meus filhos, assim como a outras pessoas estudarem. Ainda hoje faço consulta ao dicionário e continuo lendo minha bíblia.

An ornate, hand-drawn border in gold and green, featuring intricate scrollwork and clusters of small pink, blue, and red flowers. The border frames a central cream-colored area where the title is written.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



NAILDA MARIANO GONÇALVES

Meu nome é Nailda Mariano Gonçalves, filha de João Mariano Sena e de Eulina Borges, nasci na cidade de Pilão Arcado, no dia 12 de maio de 1938.

Comecei a estudar aos sete anos, na Escola Saldanha Marinho, localizada na cidade onde nasci. Minha primeira professora foi Alzira Camandaroba. Todos os dias, quando chegávamos na escola, dávamos bom dia a professora, cantávamos o Hino Nacional, em seguida rezávamos. O uniforme que eu usava era uma saia azul apregoada e uma blusa branca.

Nos dias das datas comemorativas, os alunos participavam de festas e recitavam poesias. Relembro que empolgados, decorávamos poesias para recitar nos eventos da escola; no dia da árvore, os alunos cantavam e plantavam mudas de árvores.

Dentro da sala de aula juntavam-se as carteiras de duas, para estudarmos; as carteiras eram bem feitas, de ótima madeira e tinha o lugar de colocar o tinteiro. Naquela época, não tínhamos acesso a canetas, então usávamos pena e tinta para escrever. Em dias de prova os alunos estudavam bastante, pois a professora fazia perguntas sobre a prova antes de aplica-la. Cobrava-se muito a tabuada e quando fazíamos contas, era preciso tirar a prova real para ter certeza se estava correta. Havia punições quando o aluno errava uma conta da tabuada, mas como eu era dedicada, nunca fui punida.


Naquela época, tínhamos grande respeito para com os professores e até mesmo na rua aceitávamos a sua correção. Era comum os alunos levarem flores para o professor como gesto de carinho. Hoje em dia vejo que eles são desobedientes e a culpa não é do professor, a culpa é dos pais que apoiam as coisas erradas dos filhos. Minha mãe sempre foi severa, olhava os deveres e dizia que tinha que obedecer a professora e tratá-la com

educação. O apoio dos pais nos estudos de seus filhos é muito importante, pois o ambiente em que ele está inserido influencia muito na educação, ou seja, a pessoa é fruto do ambiente.

Antigamente se aprendia mais que hoje, porque a cobrança era maior, hoje existe muita falta de interesse por parte dos alunos e uma boa parte deles não leva a sério o que se ensina na escola.

Eu era bem estudiosa, mas tive que fazer uma pausa nos meus estudos antes mesmo de iniciar o ginásio. Devido alguns acontecimentos em minha vida, reiniciei o ginásio somente aos 26 anos de idade no Colégio Rui Barbosa em Remanso - BA. Enquanto fazia o curso normal, trabalhava como merendeira em uma escola da rede estadual. Em razão do decreto do governador Antônio Carlos Magalhães, consegui me tornar professora efetiva, lecionando para crianças e na modalidade EJA (Educação para Jovens e Adultos).



An ornate, hand-drawn border in gold and green, featuring intricate scrollwork and clusters of small, colorful flowers (pink, blue, and green) scattered throughout. The border frames a central rectangular area with a light cream background.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



NELVINA EVANGELISTA DA SILVA

Eu me chamo Nelvina Evangelista da Silva, nasci em 05 de julho de 1948 no Canto, interior de Pilão Arcado. Toda a minha família é de lá. Meu pai, Felix José da Silva era semianalfabeto e minha mãe Domitildes Evangelista de Almeida só sabia assinar o nome, mas eles eram muito interessados que todos os seus filhos estudassem e tivessem uma boa instrução, tanto é que ele contratava pessoas que tivessem um pouco mais de estudo para nos ensinar em casa.

Quando eu tinha 10 anos de idade, comecei a aprender, caso não tivéssemos professor íamos de cavalo

para a Lagoa dos Lopes, interior de Pilão, para assistir aula e ser alfabetizada. Por causa das dificuldades, eu acabei desistindo muitas vezes.

Quando foi para fazer a primeira série, eu vinha para a casa da minha tia Minervina Rosa de Carvalho (conhecida como Miné), em Remanso. Isso acontecia apenas na época das aulas, quando era nas férias eu voltava para o interior de Pilão onde meus pais moravam.

A minha professora da primeira série foi a senhora Dinorá Carvalho; ela ensinava em uma escola isolada, que era um salão no fundo de uma casa, só com uma porta e uma janela, com bancos de madeira organizados em fila ou ao redor da sala, com apenas a mesa do professor. Não tinha merenda, era apenas o professor e os alunos, às vezes tinha farda e às vezes não. Lembro de uma farda branca com a saia listrada. As fardas sempre foram: azul com branco e os recursos eram escassos. A Professora Dinorá não era rígida, mas uma professora muito boa, gostava das coisas organizadas, era daquelas que falava e o aluno ouvia.

Da primeira à quarta série, estudei em uma escola isolada. Cada série era um professor diferente, só na terceira e quarta que foi a mesma professora. Para vir estudar em Remanso, eu e meus irmãos tínhamos quer vir

de carona, algumas vezes tínhamos que ir caminhando para o Angico, a fim de pegar uma carona, que muitas vezes era em cima da carga de algum caminhão. Na época de chuva, os carros atolavam muita, ficava mais difícil de chegar em Remanso.

Na quinta série fui para o prédio Olímpio Campinho. Lá já era organizado, com salas, carteiras de braço, tinha diretor. Lembro que quando fui passar para o colégio que naquele tempo era o Ruy Barbosa, tive que fazer o exame de admissão que era muito difícil, como se fosse um vestibular de hoje. Até a oitava série era apenas um professor por série. Minhas professoras do ensino fundamental sempre foram mulheres e eu sempre gostei muito delas. Antigamente, aluno respeitava professor e professor respeitava aluno; era uma coisa aconchegante, hoje está mais difícil, os alunos são mais complicados, eles são mais difíceis de controlar estão piores que na minha época, só querem nota, mas não são interessados.

No colégio a farda era caqui com branco. No meu tempo havia uns desfiles muito bonitos, organizados, diferentes dos de hoje. Os diretores preparavam muito, não usavam qualquer roupa eram todas na mesma medida para ficar no tamanho certo. Tinha o desfile do primário e o do colégio. Me lembro de um desfile do Ruy Barbosa que eu

usei, uma boina, luva, camisa de manga comprida e saia no joelho.


Quando estudava no colégio, meu pai comprou uma casa para que eu e meus irmãos pudéssemos ficar na cidade estudando. No segundo ano do ensino médio tive um professor por nome Estevão, que era alemão. Ele dava aula de inglês e fizemos um abaixo assinado para expulsá-lo, porque ele não sabia ensinar. No lugar dele entrou o Padre José e a gente achou que tinha se ferrado, mas não, ele foi um bom professor. Hoje os professores são mais bem preparados, se não ensinarem direito é por falta de vontade, hoje tem muita preparação para ajudar os alunos.

Com vinte e cinco anos me casei com João Batista, larguei a escola no segundo ano do ensino médio e voltei para o Canto interior de Pilão Arcado para trabalhar. Trabalhei lá um ano e voltei para Remanso onde concluí meus estudos fazendo magistério. No mesmo ano da minha formatura ganhei minha segunda filha Cristiane.

Do primeiro casamento do meu pai, só eu e mais duas irmãs que concluímos o ensino médio. Comecei a trabalhar no Eraldo Tinoco, depois fui para o Wilson Lins onde trabalhei vinte e cinco anos. Passei, ao todo, vinte e sete anos dando aula, de primeira à quarta série.

No meu tempo tinha mais dificuldade, não havia tanta chance, hoje tem mais facilidade e oportunidade. A pessoa, depois de uma certa idade, falta a vontade de correr atrás das coisas por falta de instrução, já eu sempre penso positivo, ainda não preciso de ninguém para fazer as minhas coisas, não sou dependente, resolvo minhas próprias coisas e sou muito feliz pela idade que tenho.





*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



NEUZA LOPES DE ALMEIDA

Me chamo Neuza Lopes de Almeida, nasci na localidade Campo Grande, no interior do município de Pilão Arcado - BA e, em 23/06/1952, cheguei ao mundo. Meu nome foi escolhido por um tio muito querido.

Passei a minha infância ao lado dos meus pais Aurelina Gonçalves de Souza e Crispiniano Lopes de Almeida, meus irmãos Benjamin, Valdemar, Olinda, Eulina, Maria, Salvador, Orlando e Valdomiro (in memória). Morávamos em uma casa simples e desde criança ajudava nas tarefas domésticas. As coisas nesse tempo eram muito difíceis; devido essas dificuldades,

trabalhava na roça em qualquer coisa para ajudar meus pais.

A primeira vez que fui à escola, acho que tinha mais ou menos 07 anos. Era em uma casa ou debaixo de árvores. Para chegar ao local era muito complicado, só em pensar na distância dava desânimo, por isso meus pais não concordavam que eu estudasse porque achavam perigoso, seria melhor ficar em casa ajudando ou trabalhando. Apesar deles não serem de acordo, nunca me proibiram e quando chegava a escola tinha uma professora que era autoritária, que todos os dias tomava a tabuada e se por uma falta de sorte errasse, levava três bolos de palmatória nas mãos, se alguém desobedecesse já ia direto para o castigo, dobrava o joelho sob três caroços de milho ou feijão, O mais difícil era fazer essas marcas desaparecerem antes de chegar em casa, porque se papai ou mamãe visse levava uma surra maior ainda.

Não eram todos os dias que havia aula. Quando os professores não podiam comparecer eles avisavam. Muito do que aprendi sobre ler e escrever foi em casa, fazendo cartinhas para minhas amigas.

Um dos professores que tive veio de Pilão Arcado, as demais professoras de Campo Grande. Não tenho lembrança de nomes, mas do imenso respeito e


importância que tinha o professor; víamos como uma pessoa de referência à qual admirávamos. Diferente de hoje em dia, onde os mesmos são desvalorizados e desrespeitados. Muito dessa mudança veio devido à globalização que foi acontecendo, facilitou por demais, porém como tudo na vida tem o seu lado negativo.

Aos 15 anos, deixei de ir à escola, fiz até a 5ª série, pois as dificuldades para ter acesso a esta falaram mais alto. Com 18 anos me casei, e desse casamento tenho seis lindos filhos. Onze anos depois, fui a São Paulo onde passei um período complicado, mas que foi de superação. Tive mais um filho, de um outro casamento.

Em 1995 vim para Remanso - BA, onde até hoje moro. Nesse momento da minha vida me sinto imensamente realizada e feliz; tenho amigas maravilhosas, netos, um companheiro para passear, dividir momentos, nos divertir, faço atividades físicas, alongamento, dança...

Graças a Deus, minha terceira idade é cheia de amor, realizações, saúde e descobrimentos. Grata por tudo que vivi, afinal foram nas dificuldades onde me tornei forte, sempre com coragem e entusiasmo.





*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



RIVANEIDE GOMES DOS SANTOS SANTANA

Eu sou Rivaneide Gomes dos Santos Santana, nasci no dia 13 de outubro de 1951, em Remanso Velho, Bahia. Meus pais são: Ambrosio Gomes dos Santos e Lucia Pereira dos Santos. Iniciei meus estudos aos quatro anos de idade, na casa de dona Mariinha. Depois fui estudar no colégio Getúlio Vargas, e anos mais tarde transferir-me para o colégio Ruy Barbosa, onde conclui o curso de Magistério do segundo grau. Cursei logo em seguida o curso de Técnica de Enfermagem no Colégio Polivalente,

em Petrolina. Estagiei no hospital Domalan, em Petrolina; na clínica Cemec, em Juazeiro; e, estagiei também na clínica Climed Oliveira e na clínica de Nebolização de Barris, em Salvador.


Fui casada durante 40 anos, tive três filhos, que me deram sete netos. Hoje sou separada, mas sempre fui feliz no meu casamento; meu ex e eu nos separamos, porém somos amigos, ele sempre dá assistência à minha família e em tudo que preciso. Separamo-nos depois que amadurecemos, pois decidimos ir cada um para o seu lado. Sempre foi um bom pai e um ótimo companheiro, sou bem resolvida, gosto de sair para me divertir com os amigos e tomar uma cerveja, dançar, amo fazer amizades.

Tenho ótimas recordações da época que comecei meus estudos, era bem pequena, mas lembro-me da minha primeira professora Mariinha, as aulas eram na casa dela em Remanso Velho, também me lembro de meus coleguinhas, gostávamos das brincadeiras e das lições que nos eram proporcionadas. Sinto muita saudade de alguns amigos do tempo da escola. A escola na minha época era muito bonita e organizada, a sala era bem tradicional com quadro negro e giz, era bem limpa e as carteiras enfileiradas, as meninas usavam saias com pregas, lindas, os meninos usavam bermudas abaixo dos joelhos e

camisas iguais. Os professores eram respeitados, tínhamos esses como figuras muito importantes, o ensino do meu tempo era bem menos, mas hoje já é bem mais avançado em tudo, antes os recursos eram poucos.

Uma diferença que percebo hoje é a forma de ensinamento, pois é bem facilitadora e acessível. A minha vida escolar foi bem diferente da de meus filhos, antes era muito rígido e hoje já é bem mais liberal, até nas vestimentas dos alunos, pois alguns não vão à escola devidamente uniformizados, no meu tempo o uniforme era obrigatório, a escola era mais rígida no sentido da aprendizagem, pois obrigava o aluno a se dedicar e estudar, mas hoje tudo é tão fácil, e muitos não tem o interesse de aprender.



An ornate, hand-drawn border in gold and green, featuring intricate scrollwork and clusters of small, colorful flowers (pink, blue, and green) scattered throughout. The border frames a central rectangular area with a light cream background.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



ROSA MARIA ALVES DOS SANTOS

Nasci em Pau a Pique, município de Casa Nova, no dia 04 de março de 1959. Filha de Antônio Lino Dias e Eva Alves Dias, sou Rosa Maria Alves dos Santos, tenho 60 anos e moro em Remanso - BA.

Ingressei na escola aos 7 anos de idade, na Escola Estadual de Pau a Pique, e esse primeiro momento foi marcado por ansiedade e alegria. Em minha terra natal, estudei até a 4ª série, em Santa Maria da Vitória fiz a 5ª série no Colégio Maçônico Gonçalves Ledo. Depois de concluir a 5ª série, fiquei um ano sem estudar para

trabalhar em uma padaria. Ter suspenso meus estudos não afetou minha autoestima, sempre tive pensamentos positivos, tenho orgulho da pessoa que sou hoje. Em 1977, retornei aos meus estudos no Colégio Municipal Ruy Barbosa em Remanso – BA. Nessa época morava em Remanso Velho, então tive que sair daquela região e estudar do outro lado da cidade, e assim concluí meus estudos em 1983.


Tenho muitas lembranças do tempo da escola, lembro-me do uniforme que era uma saia azul marinho de pregas, blusa branca, sapatos congá azul que hoje é chamado de tênis e a meia branca. A escola era pequena, mas de boa qualidade onde havia muita dedicação e aprendizagem, a sala era estreita, porém organizada, com carteiras duplas presas ao chão. Não tínhamos livros tudo que o professor colocava no quadro a gente escrevia no caderno, havia a hora da merenda também, na época tinha umas muito boas, como por exemplo: mingau de milho, queijo, geleias e bacalhau, no recreio brincávamos de roda, esconder, de boca de forno e chicote queimado, hoje as crianças mal sabem o que é isso.

Me recordo das professoras Nivia Amorim e Conceição que eram pessoas maravilhosas, dava pra ver e sentir o amor que elas tinham pelo que faziam. Quando

aconteciam desfiles na escola, elas me chamavam para ser a “princesa do milho”, a roupa era um vestido longo verde, com uma faixa branca de popelina, escrito com letras de papel brilhoso, mas, como era tímida, não aceitava, então elas me incentivam e insistiam para que participasse. Lembro ainda do professor José Porcinio, que era um professor muito rígido; quando fazia perguntas e não soubesse responder ou errasse tinha advertência que eram palmatórias.

Prestávamos bastante atenção nas aulas, por esse motivo acho que as aprendíamos mais naquele tempo do que os alunos de hoje, que na maioria dos casos não tem interesse em aprender. Meus pais me ensinavam que devia respeitar meus professores como minha segunda família. Os professores naquele tempo eram vistos com muito respeito, tanto na escola como fora dela, diferente dos de hoje que são desrespeitados e até mesmo agredidos. Na educação atual o governo oferece muitas oportunidades para todos, no entanto muitos não valorizam as chances que tem em mãos. Antigamente não tínhamos muitas oportunidades, apenas aqueles que tinham melhores condições financeiras, agora é tudo diferente.



An ornate, hand-drawn border in gold and green, featuring intricate scrollwork and clusters of small, colorful flowers (pink, blue, and green) scattered throughout. The border frames a central rectangular area with a light cream background.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



ROSA MARIA MELLO BRAGA

Nasci em Juazeiro - BA, no dia sete de dezembro de mil novecentos e quarenta e quatro, filha de João Evangelista Melo e Alcina Amorim Melo. Resido em Remanso - BA há 54 anos. Vivi minha infância na cidade natal, ingressei na escola com 6 anos no jardim da infância, encerrei meus estudos na 8ª série por ter encontrado meu grande amor. Tenho seis filhos, um *in memoriam*, quinze netos e quatro bisnetos, atualmente viúva.

Interromper os estudos não comprometeu minha autoestima, me amo como sou, desejaria muito ter

concluído, mas agi com o coração e me dediquei ao amor da minha vida.


Tenho boas recordações da época que estudei, ficaram marcas de professores e colegas. Marcou muito a professora Diomar que fazia sabatinas aos sábados no Colégio das Freiras. No primário, os professores eram rigorosos, tinham que cumprir regras. Me recordo da palmatória que professores utilizavam para disciplinar ou castigar como sinal de submissão à autoridade pois o convívio entre professores e alunos sempre foi de respeito e obediência. O ensino foi bom, tive desenvolvimento na aprendizagem, e me orgulho da formação que tive, compartilho com minha família os valores e respeito.

A educação não evoluiu muito em alguns aspectos, os valores são diferentes. Na minha época, os professores eram a base de tudo para todas as profissões, sendo mais reconhecidos e respeitados. Mas o ensino teve um grande avanço; na minha época no primário as salas eram menores, já no ginásio sala amplas, as estruturas dos colégios eram boas.

Isto são algumas recordações da minha vida na escola, esta é quem eu sou, talvez você possa aprender alguma coisa.





An ornate, hand-drawn border in gold and green, featuring intricate scrollwork and clusters of small, colorful flowers (pink, blue, and green) scattered throughout. The border frames a central rectangular area with a light cream background.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



ROSANGELA QUEIROZ CASTRO

Me chamo Rosângela Queiroz Castro, nascida no dia 21 de outubro de 1963, natural de Remanso - BA, filha de Dalva Vilaça de Carvalho Queiroz e José Machado de Queiroz.

Concluí meus estudos em 1975, fiz até o terceiro ano do ensino médio a nível segundo grau; não fiz faculdade porque na cidade não tinha ensino superior.

Ingressei na escola com 7 anos de idade, no Colégio Getúlio Vargas. Meu primeiro contato foi marcado por sentimentos que se misturavam: curiosidade, ansiedade e

alegria de estar lá. Como se tratava de um novo mundo, também criei expectativas negativas.

Os métodos de ensino eram rígidos, mas de alguma forma bem eficazes, que mantinham os alunos em ordem e com isso o foco era estar ali para aprender. As professoras tinham uma técnica de ensinar soletrando as palavras, que agora já não usam mais.

Os alunos chegavam no horário certo na escola, sem atraso, obedeciam ao Diretor que estivesse à frente. O uniforme era saia de prega azul, camisa branca passada e sapatinho com meias brancas. Os trabalhos que eram feitos em sala de aula eram escritos a mão, com a letra do aluno em papel pautado decorados com decalques.


A figura do professor representava pra mim, uma pessoa dedicada e muito respeitada, também era muito rígida e as vezes usava palmatória e colocava os alunos de castigo ajoelhado no milho. Tinha uma professora que quando brigava com o marido em casa, ia de óculos escuros para a escola e descontava toda a raiva na gente. Mas também tive professoras muito amorosas, que gostavam muito de mim, não sei se era porque eram minhas vizinhas, mas o afeto delas me marcou muito com um sentimento bom, elas se chamavam Irene e Lurdes Melo.

Então para ingressar no colégio, fiz um tipo de vestibular que se chamava Prova de Admissão, fiz e consegui passar. Não podia ir sem farda porque não entrava para assistir aula. Tinha que ir limpinha, cheirosa e arrumada.

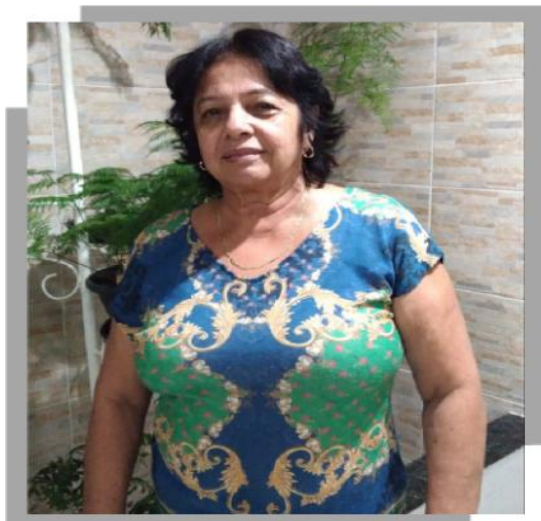
Tinha uma professora para cada matéria e quando tinha prova eu estudava lendo bem alto, para conseguir entender e aprender o conteúdo da prova, também havia muita “cola” naquele tempo. Os alunos faziam a “colinha” sem a professora perceber, porque se fosse descoberto levava o famoso “bolo” de palmatória e ficava de castigo. Estudei francês, sociologia, química... A minha professora de francês era bem rígida, não podia gaguejar, nem falar nada errado, caso contrário tinha que ler e reler até aprender. Nas avaliações o método de estudo era a decoreba, onde decorávamos a atividade e tinha que responder da mesma forma que estava no caderno.

A estrutura da escola naquele tempo era de caráter simples e humilde, as salas de aula eram pequenas, com carteiras lado a lado, uma atrás da outra e enfileiradas, também tinha um quadro negro de giz. Bem diferente das escolas do século 21, as salas de aula são grandes com quadro branco e pincel piloto, cerâmicas no chão, janelas de vidro e climatizadores nos ambientes.



An ornate, hand-drawn border in gold and green, featuring intricate scrollwork and clusters of small pink, blue, and green flowers. The border frames a central rectangular area with a light cream background.

*Contos, Recontos
e Encantos das
Memórias da
Terceira Idade*



WALDEMIR RIBEIRO GOMES DO NASCIMENTO

Meu nome é Waldemir Ribeiro Gomes do Nascimento, nasci em Remanso - BA, em 24 de fevereiro de 1951. Meus pais chamavam-se Severiano José Gomes e Isaltina Ribeiro Gomes.

Conclui os estudos aos 17 anos de idade, sou formada em magistério do Segundo grau, hoje ensino médio, no Colégio Municipal Ruy Barbosa, em Remanso.

Entrei na escola aos 4 anos de idade, numa instituição particular localizada ao lado da igreja matriz em Remanso - BA. Minhas recordações do primeiro

momento dessa etapa são as lembranças da professora Edite, das brincadeiras e dos meus colegas. Até hoje conservo algumas amizades daquela época.

Aos sete anos de idade, entrei no Grupo Escolar Getúlio Vargas, onde cursei do 1º ao 4º ano. Lembro-me bastante das minhas professoras que foram Benilde Araújo no 1º ano, Alaíde Leite no 2º e 3º ano e Marina Braga no 4º ano. Minha relação com as professoras era muito boa, acho que só não existe um bom relacionamento entre professor e aluno, quando o estudante não quer nada. Naquela época o professor era visto com muito respeito, como o dirigente na sala de aula.

O grupo Escolar Getúlio Vargas era bonito com dois prédios e muitas janelas, ficava um ambiente arejado. As salas bem limpas e espaçosas, as carteiras duplas, com salas bem tradicionais com o quadro negro e giz, e tinha uma área calçada com figueiras ao redor, que fazia sombra para os alunos brincarem. E havia uma brincadeira chamado inferno que ficava aproximadamente um metro de altura, e tinha que pular de um lado para outro, e se caísse no inferno, saía da brincadeira.

Antigamente, a escola era rígida no sentido de aprender, assim obrigava o aluno a se dedicar e estudar mais. Um exemplo disso era o exame de admissão que os

estudantes faziam para entrar no Ginásio. A prova era escrita e oral, onde eram cobrados os conteúdos de todas as matérias. A forma oral era feita por vários professores na frente de toda a classe.

Na minha turma todos eram esforçados e queriam passar no exame. Na semana tinha aula de reforço com a professora Maria da Conceição, com as disciplinas de português e matemática, e aos sábados ocorriam as aulas de argumentação, onde os alunos faziam perguntas de Matemática entre si; quem acertava batia com a régua na mão daqueles que erravam. No final do 4º ano eu fiz o exame de Admissão e passei, assim fui cursar o 1º ano do Ginásio com 10 anos de idade.

Depois do Ginásio, fiz o curso normal. Nessa época o diretor era Monsenhor Nestor. Quando cheguei no terceiro ano, a maior alegria da turma era o estágio. Estagiei no Grupo Escolar Getúlio Vargas, na sala da professora Benilde Araújo, no mesmo prédio que eu estudei do 1º ao 4º ano. Antes do término do 3º ano, eu já comecei a dar aula com a disciplina de Educação Física, terminei os estudos e logo após, peguei outra disciplina de Ciências.

A criação que eu recebi foi bem diferente da que meus filhos receberam. Era muito autoritária, além de

respeitar os pais, as crianças tinham medo, bastava um olhar da mãe que eles já entendiam que não podia continuar fazendo certas coisas. Já meus filhos, respeito sim, sempre tiveram para com os pais e com os mais velhos, mas não existia aquele medo; sempre existiu confiança, sem segredos, como até hoje, nossa convivência é muito boa.

A vida escolar antigamente era mais difícil e mesmo com as dificuldades a grande maioria dos estudantes tinha força de vontade. Por Remanso ser uma cidade pequena, os recursos eram escassos; tínhamos poucos professores e escolas. O ideal para a maioria das pessoas seria estudar para ser alguém, portanto aprendia-se mais, valorizavam-se os professores, predominava a vontade de crescer e se formar.

Mesmo não tendo acesso à internet e computadores, as pesquisas eram feitas em livros na biblioteca da cidade, que por não ter um vasto acervo não supria as necessidades das pesquisas. Hoje tudo é tão fácil que os alunos não têm tanto interesse, é claro que toda regra há exceção.

Uma diferença que percebo atualmente são as vestimentas dos alunos. Alguns não vão à escola devidamente uniformizados; na minha época, o uniforme

era obrigatório. No primário usávamos blusa branca com um bolsinho, saia de prega preta e branca, meia calça, os sapatos ficavam a critério dos alunos. Já no colegial, era saia caqui cinza ou azul marinho. Como os uniformes eram padronizados deixavam o ambiente escolar mais harmônico e organizado.

Em 1980, aproximadamente, a educação teve um avanço muito grande. Modernizou em tudo. Escolas equipadas com material didático e tecnologia avançada, mas a aprendizagem não superou.

O aluno da escola pública não encara o ensino com responsabilidade. O professor é criticado pelo seu baixo desempenho por vim também de um ensino ruim e não saber dominar a disciplina que lhe foi confiada. Se o professor for rígido, cobrar do aluno, é chato, antipatizado por todos.

Nós professores, pais de alunos, a sociedade em si, passa a mão na cabeça de cada um dos jovens. Fecha os olhos e nada vê.

Precisamos mais de obediência, ordem, disciplina, respeito, bondade, amor e respeito por esta geração. Precisamos de deveres tanto quanto de direitos.



**ALUNOS ESTAGIÁRIOS
ENTREVISTADORES:**

ALEXSANDRO ALVES DA SILVA
AMANDA REIS DE BRITO
ANDRESSA DOS SANTOS SÁ
ANGELA LAIANE NASCIMENTO SILVA
CAOANA SILVA SOARES
DÂNGELA THALYA RODRIGUES SILVA
DANIEL DA SILVA SOUZA
EDILENE SANTOS LIMA
FLAVIA SABRINA BRITO BACELAR
ISLENE FERREIRA DOS SANTOS LIMA
JANAILZA RODRIGUES BORGES
JULIO DA SILVA SANTOS
LETÍCIA MARIA DA SILVA
MACILEIDE DE MATOS BATISTA PINTO
MARIA SANDRA DE CARVALHO SOUZA
MICHELE RAIANE EVANGELISTA LACERDA
PAULINA DOS PASSOS JORDÃO
RAILDE SOARES DOS SANTOS
RAQUEL GISLEINI SILVA
RENNIARA TEIXEIRA DE OLIVEIRA
TAÍS SANTOS PASSOS
THAIS FERREIRA SILVA
VERA LUCIA RODRIGUES HONÓRIO



bridge. They
his southern bar
ome
hen
you r
ead, I
to (,
otpath a
oint; do no
in love with it.



FACULDADE
ALFREDO NASSER



ROTARY CLUB DE REMANSO